

Markhuos

PINGO DE LAVA

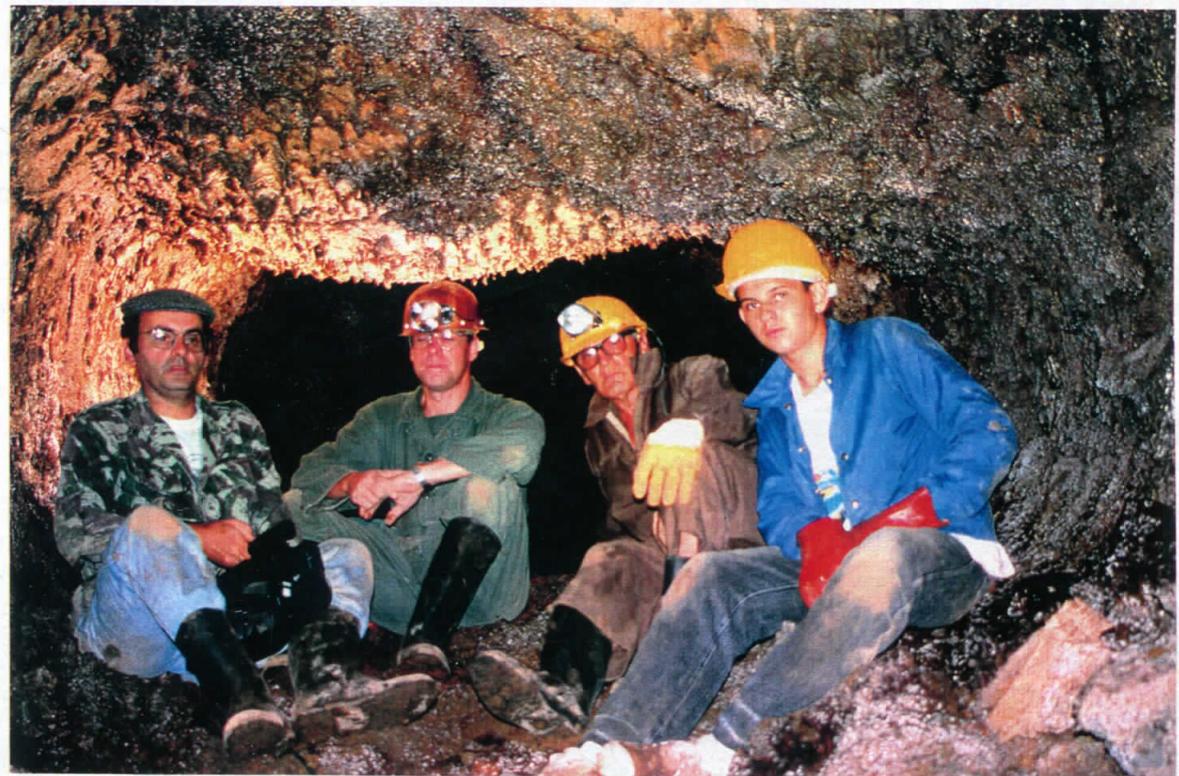


OS MONTANHEIROS
SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA

ILHA TERCEIRA - AÇORES NÚMERO 30

BOLETIM INFORMATIVO

DEZEMBRO 1994



"Poisospel-94" (Gruta da Ribeira do Almeida)

SUMÁRIO:

COMEMORAÇÕES DO 31º ANIVERSÁRIO - BIBLIOGRAFIA ("Viagens Geológicas aos Açores") - MISSÃO ESPELEOLÓGICA A SÃO JORGE ("Poisospel-94") - DOCUMENTOS VIVOS - GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (Gruta da Ribeira do Almeida) - RECORTES DO ALBUM - ÚLTIMO PINGO.

COMEMORAÇÕES DO 31º ANIVERSÁRIO

E "OS MONTANHEIROS" continuam na sua saga exploradora da Natureza, traçada há mais de trinta anos por um grupo de dinâmicos e corajosos rapazes, na sua vertente vulcanoespeleológica, sobretudo, mas também de defesa dos elementos naturais em todos os aspectos em que isso pode contribuir para um Ambiente despoluído e propício a uma vida sadia nestes rochedos plantados em pleno Atlântico.

As comemorações do 31º aniversário tiveram início no dia 1 de Dezembro (dia da constituição da Sociedade) com a tradicional Alvorada, às 08H00, abrilhantada pelas filarmónicas da Recreio dos Artistas e da Fanfarrá Operária, a cujos elementos, e como vem sendo habitual, foi oferecido um ligeiríssimo beberete, testemunho de gratidão pela disponibilidade que aquelas agremiações sempre dispensaram neste dia festivo da nossa colectividade.

Pelas 09H30 foi celebrada uma missa por alma de todos os sócios falecidos, e, à noite, foi inaugurada uma exposição sobre aves, na Sede da Sociedade, da autoria do professor Paulo Monteiro, a qual se manteve até ao dia 3 de Dezembro.

No sábado teve lugar a habitual Sessão Solene, desta feita realizada no dia 3 de Dezembro, por vários motivos, os principais dos quais se prenderam com o facto de não a fazer coincidir com as várias festividades que na Terceira assinalam o Dia da Restauração, e também porque o nosso presidente Manuel Aguiar se encontrava ausente da ilha, por motivos de doença, no dia primeiro, e fez questão de estar presente na Sessão Solene.

Foram enviados convites a todas as entidades que habitualmente colaboram com "OS MONTANHEIROS", sendo também informada a Comunicação Social que, aliás, anunciaria o evento. Das entidades convidadas, responderam presente a Câmara Municipal de Angra, representada pelo senhor engenheiro Rui Andrade, e o Regimento de Infantaria de Angra, através do seu 2º comandante, senhor tenente-coronel Abílio Afonso, entidades às quais desde já se agradece a respectiva presença.

A afluência de público foi muito escassa, facto que lamentamos, mas, como viria a dizer o conferencista convidado, talvez isso referencie um bom indício, ou seja, o que vai bem não levanta ondas.

Abriu a sessão o Manuel Aguiar, presidente da direcção desta colectividade há cerca de um quarto de século, o qual, focando as realizações levadas a efeito pela Sociedade durante 1994, destacou: a continuação do inventário vulcanoespeleológico dos Açores; as bemfeitorias efectuadas nas estruturas de apoio ao Algar do Carvão (que consumiram o "saco azul" da colectividade); a continuação da elaboração de maquetas dos Açores, facto que originará o problema de espaço museológico para as colocar (aproveitando para referir este facto na presença do conferencista convidado, uma vez que depende da autorização do seu Gabinete uma eventual ampliação do nosso Museu, tão requisitado sobretudo pelos alunos da área-escola).

Como projectos para o futuro, apontou: uma eventual revisão de toda a instalação eléctrica do Algar do Carvão, já com oito anos de implantação e exposta à natural humidade do local, o que só poderá ser levado a cabo com o apoio das entidades oficiais; o projecto para a Gruta do Natal, que já está pronto há 3 anos e ainda não recebeu "luz verde" da Secretaria do Turismo; o projecto para a Gruta das Agulhas, sobretudo porque situada na zona histórica da Salga, etc.

Agradeceu o apoio até agora prestado pela Câmara Municipal, pelo Regimento de Infantaria (designadamente proporcionando transporte para as caminhadas organizadas pela Sociedade), pelas Obras Públicas, pelo Gabinete do Ministro da República, pela Força Aérea (sem o qual não se poderiam realizar as expedições espeleológicas), pela Secretaria da Educação e Cultura, do Turismo, e por todos os "carolas" que deram o máximo do seu esforço no sentido do prosseguimento da actividade desenvolvida por "OS MONTANHEIROS".

Terminou fazendo a apresentação do conferencista, o dr Francisco Maduro Dias, associado da Casa e antigo elemento operacional da colectividade, nos seus tempos de juventude, cujo currículo dispensou comentários, e sendo actualmente o Director do Gabinete da Zona Classificada da Cidade de Angra.

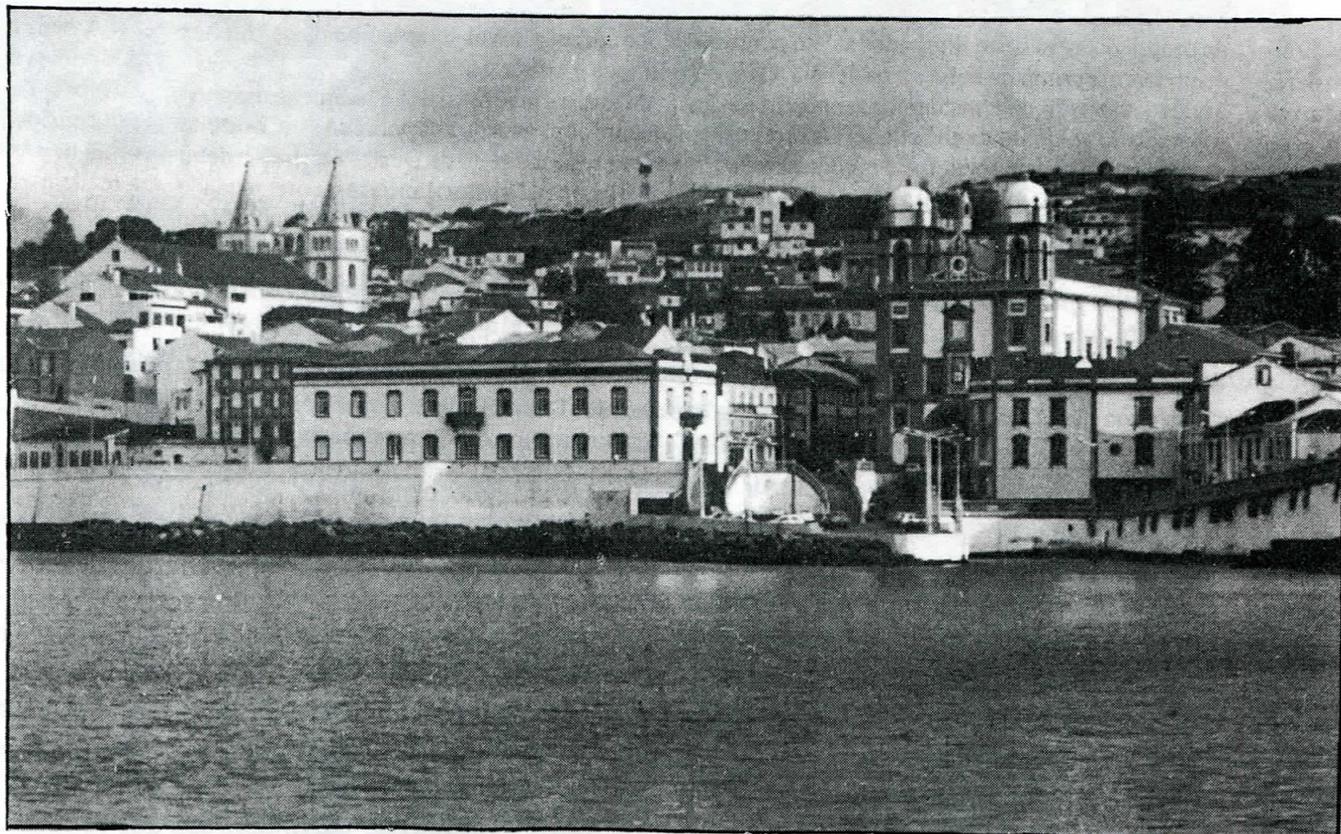
O dr Maduro Dias usou então da palavra, de improviso como é seu timbre, e, sobretudo para quem não esteve presente na Sessão Solene, aqui ficam registadas nas páginas deste Boletim as palavras e as ideias expostas pelo palestrante, que falou de "AMBIENTE, NATUREZA E MUSEALIZAÇÃO DE SÍTIOS".

– AMBIENTE, NATUREZA E MUSEALIZAÇÃO DE SÍTIOS –

"Meu amigo presidente da direcção de "Os Montanheiros". A todos os que aqui estão ligam-me laços , ou de conhecimento ou de amizade, alguns que começaram exactamente na altura em que o Aguiar falava, por volta de 1970/1, quando algumas das coisas em que eu e outros da nossa idade gastávamos o tempo era passar os fins-de-semana metidos em buracos, e passar as noites metidos na Sede, num 2º andar da rua de S. João.

Não me espanta, nem nunca me espantou, que as Associações tivessem estas reuniões porque, às vezes, quando as associações vão bem, as reuniões e as assembleias são pequenas; quando as associações vão mal, as assembleias são grandes. Não é a 1ª vez que tenho este tipo de raciocínio, e o que eu queria deixar aqui, em termos de reflexão, tem a ver com três aspectos: Ambiente, Natureza e Musealização de Sítios.

Porquê este tema, num caso como é esta Associação, com o trabalho que ela tem desenvolvido ? Porque nós, e isto é importante, sobretudo aqui na Terceira falamos tanto na cidade de Angra-Património Mundial que às vezes se esquece, e isso é bom lembrar, que a ilha e o Arquipélago devem ser vistos como um Todo. Aliás, a lição que se tem, desde que se entra a porta desta Casa até chegar aqui acima, é de que o Arquipélago é e deve ser visto como um Todo, e que a falha de qualquer das suas parcelas só iria empobrecer o conjunto.



Quando se fala de Ambiente, normalmente liga-se muito Ambiente a Natureza (a poluição), e liga-se menos à construção de espaço. Acontece que, se há lugar onde o espaço construído é importante, a ilha Terceira é um deles : quando vista de avião, parece que todos os bocadinhos que podiam, de alguma forma, ser aproveitados, foram-no. Digamos que o Ambiente que hoje em dia temos, é feito de endemismos, das rochas, da Natureza que nos chegou, mas é também muito feito da Natureza que nós construímos. Quando se organiza o território como ele está organizado, ao ponto de os sítios, com rochas impossíveis para a agricultura, estarem aproveitados para matas, os sítios que podiam servir para a agricultura de subsistência foram transformados em cerrados (o resto foi transformado em pastos), e onde a coisa nem era nem uma nem outra, fizeram-se curraletas para a vinha, e o que devia ser aproveitado para casario, foi-o em relação com esse território ocupado.

No fim de contas, o que nós temos é uma Natureza que, mercê da actuação do Homem e da inter-acção Homem/Natureza, chegou ao que hoje em dia temos como Ambiente que nos envolve.



O palestrante, no uso da palavra na Sessão Solene

É bom que não se esqueça que o Ambiente que temos hoje é, em grande medida, feito de 500 anos de ocupação humana, que alteraram imenso o território. Basta o termo "cerrado" (que significa fechado) e que o é por oposição a outro que era aberto. E ainda hoje existe um bocado de terra, que fica no cimo da serra de Santa Bárbara, que não pertence a ninguém (é o que resta dos baldios de ElRei) e não está mesmo incluído na área de nenhuma das nossas freguesias. Ora, sabe-se que o povoamento foi feito a partir da costa para o interior, e foi-se progressivamente "cerrando" terreno, e deixando ficar aquilo que se chama "mato", que não é propriamente a selva de África ou da Amazónia, mas que é o "nosso mato", feito de uma quantidade de arbustos baixinhos, de cedros que havia mais cá em baixo do que no interior, e a prova de que esses cedros eram grandes são as tampas de caixas que existem no Museu de Angra, com tábuas largas.

Portanto, o Ambiente que se tinha quando se povoou a ilha, era esse; o que se criou, na altura da Batalha da Salga, era feito de trigo, de plantações de pastel, não havendo milho e sendo os cerrados existentes metade dos que existem actualmente (embora já houvesse muitos); depois, veio a laranja, depois as alterações com a filoxera do tipo de vitivinicultura que se fazia .

E, entretanto, as pessoas que viviam em núcleos habitacionais à volta da ilha, foram-se concentrando progressivamente, e eu atrevo-me a dizer que, mais cedo ou mais tarde, vamos ter uma grande zona habitada (obviamente, para os padrões da Terceira e dos Açores) entre S. Mateus e as Lajes, e infelizmente, porque há zonas muito boas em termos climáticos noutros lados, como os Altares ou o Raminho. Mas, se pesquisarmos um pouco, sabe-se que, por exemplo, o nome que se dava ao terreno entre as Doze Ribeiras e o Raminho era o de "costa brava", no século XVII...

A Natureza que temos, geológica, animal, vegetal, e o Ambiente que nós construímos originaram um conjunto de coisas que são uma Herança "nossa". O meu amigo Aguiar falava há pouco em Turismo e, graças a este, começamos a olhar para as coisas de uma forma diferente. Agora, as experiências que tem havido na musealização de sítios tem levado a um facto muito curioso: quando se prepara uma estrutura para o turista, prepara-se uma estrutura para ignorante que vem; quando se musealiza, prepara-se uma estrutura para quem quer que seja que apareça, deva ter informação, deva progredir nos seus conhecimentos.

Uma coisa é preparar um Arquipélago inteiro para o Turismo, outra é transformá-lo num sítio onde quem cá nasceu ou escolheu para morar, ou quem cá venha, aprenda. Ser ignorante na sua própria terra (e volto a citar o Aguiar) é lamentável. Aprender a papaguear ciência para os turistas, também é lamentável. Eu não digo mal dos turistas, digo é mal de nós se apenas trabalharmos para os turistas, e não para desenvolver a nossa própria Herança.

Dou-vos um exemplo que, embora não tendo nada a ver com isto, tem a ver com o tipo de raciocínios que às vezes podem acontecer: há cerca de dois meses, alguém me falava no problema das bocas de incêndio nos centros históricos; que era horrível, e que eu de certeza devia estar contra, e que quem era defensor do património cultural devia estar contra. Achei tão espantoso alguém dizer isso, que fiquei "sem palavra", porque, quem estuda 15 anos para proteger património cultural não pode ser contra instalações de protecção contra incêndios ou de salvaguarda relativamente a sismos. Porque, então, é a pura incongruência: se um indivíduo acha que uma casa deve ser salvaguardada, é evidente que tem que saber como vai protegê-la. Não se trata apenas de salvaguardar a casa dela cair, nem de salvaguardar a mata dela arder. Dizer que não se deve, é uma palavra; boca de incêndio ou uma estrutura de fiscalização contra incêndio das matas, é uma acção.

Mas, voltando à questão da musealização de sítios, o que hoje temos, à nossa volta, é uma Natureza transformada em Ambiente que nos rodeia, e que tem que ter vários vectores. Costuma-se dividir em Ambiente Natural e Ambiente Construído. Nos Açores, tem-se feito um interessante trabalho de recolha de informação, de sensibilização; hoje em dia, não há (desculpem a expressão) menino nem menina que não fale dos passarinhos que estão a desaparecer, dos milhafres que se estão a extinguir, das rochas que se estão a desfazer, dos arbustozinhos, etc. Mas, é preciso ter a consciência de que a casa, a árvore, o muro, o trigo, a vaca, a vinha, o turista, tudo isso faz parte dum Ambiente que vamos ter que salvaguardar se quisermos continuar vivos, porque é deste Ambiente que resultam coisas que se chama Turismo, que podem dar dinheiro, mas podem resultar coisas que se chama vinho que bebemos, ou trigo ou milho que dá pão que comemos. Portanto, não é divisível dessa maneira.

Eu gostaria de pegar no tema Ambiente, que é tudo o que nos rodeia, considerá-lo como Herança que temos e que, como herança temos de usar sob pena de ficarmos debaixo dela. Nunca vi ninguém que tenha recebido, em herança, vinte sacos de moedas de ouro, que nada tenha feito com elas, e que ao fim de dez anos tenha continuado rico; gastou e...acabou-se.

A Herança que nós temos actualmente é o conjunto de espécies protegidas, é o conjunto de monumentos protegidos, é a cidade de Angra-Património Mundial, e é todo o conjunto de fortalezas e edifícios que ainda não estão protegidos e, sobretudo, uma enormíssima acção pedagógica que tem que ser feita por todos nós.

Os "Montanheiros" acrescentaram-lhe uma dimensão curiosa: também se pode ser montanheiro debaixo do chão. E aqui surge outro vector da Herança de que venho falando: o conjunto de grutas e algares, digamos, em linguagem comum, buracos que há por baixo do chão.



Um aspecto da audiência, que escutava o dr. Maduro Dias

O que fazer com isto ? Julgo que todas as instituições que têm a ver com esta matéria, deviam pensá-la em termos de musealização.

Mas, vou dizer o que entendo por musealização, para deixar claro que não estou a falar de teias de aranha.

Há um exemplo, nas landes da Gasconha, de um eco-Museu que é dos mais interessantes exemplos de integração da intervenção de várias entidades. Era uma zona tradicionalmente de cabras e de ovelhas, portanto, de pastorícia, e que tinha algumas áreas cultivadas com o milho e o trigo europeus (espécies com menos grão por cada espiga). E entenderam que este espaço devia ser protegido, mas protegido em termos globais. Hoje em dia, o que existe é um conjunto de terrenos cultivados à maneira da Idade Média, com equipamentos de então. Só que, não o está a ser feito assim para turista ver, mas também para o aluno de escola ver, para o habitante da zona ver, e para os senhores da Estação Agronómica Nacional Francesa recolherem genes e informação biológica, quer do cultivo, quer da adubação, quer dos espécimes que lá estão a ser cultivados, e que são os tradicionais europeus antes da hibridização, antes de todas as alterações que foram feitas, sobretudo genéticas, a nível das plantas, no século XX. Como eles chegaram à conclusão de que às vezes é preciso voltar à estaca zero para progredir em novas hibridizações, mas noutro caminho, o que eles têm lá é um campo de experiências, só que para a Estação Agronómica, visto que os "olhos" desta têm uma zona musealizada para os indivíduos da pedagogia, têm uma zona linda para turista ver como produto turístico. A mesma coisa para as cabras e ovelhas que estavam em perigo de extinção, a mesma coisa para os tipos de ervas que aquelas comem, porque também são ervas que eles procuraram salvaguardar mas também são utilizadas pela Estação Agronómica, a mesma coisa para os indivíduos dos estudos dos materiais (como eles usavam cabanas e casas de madeira, continuam a estudar e a manter lá, e a testar, produtos que permitam a manutenção das madeiras, ao mesmo tempo que vão mantendo e estudando a tecnologia da construção das cabanas).

Ora bem, isso chama-se usar uma Herança. O património natural dos Açores tem que estar à altura dum Arquipélago que tem um sítio no Património Mundial (Angra), e este tem que estar à altura da enorme qualidade e quantidade do património natural que nós temos, de Santa Maria ao Corvo.

Temos que ter consciência que, no Ambiente que nos rodeia, só o Céu é o limite da nossa criatividade, se nós, com interesse, com dedicação, e com conhecimento tivermos vontade de o utilizar para nosso próprio benefício.

A musealização implica uma informação clara, implica legendas, implica percursos, só que não implica, muitas vezes, tirar as coisas do sítio. Aliás, a musealização de sítios é uma área da Museologia que se desenvolve a partir do momento em que começou a ser difícil levar castelos, grutas, edifícios ou baterias inteiras de artilharia de costa para um sítio. É mais fácil levar aos respectivos sítios a técnica da musealização: com informação, com divulgação, mas sobretudo com a informação consciente do que é que isto pode significar. É que cada coisa que nos resta, em termos de Herança (não me canso de repeti-lo) só é peso se nós assim quisermos.

Quando se musealiza com intenções pedagógicas, o que se está a tentar é recolher, dos elementos que herdámos, coisas que nos importem para agora.

Dou-vos um exemplo, que não é de musealização, mas é de informação. Toda a gente sabe o que aconteceu com a grotta de S.Bento; quem passa ao pé do actual nó de acesso da estrada antiga com a circular, verá uma casinha que ainda tem uma placa que diz que ElRei D.Carlos pagou a reconstrução daquela casa, quando a grotta de S.Bento transbordou e destruiu a casa. Também uma história que se passava, e que vou aproveitar para contar: um técnico da Câmara Municipal, do princípio deste século, (um engenheiro) disse que, uma vez que a referida grotta "levou" o pavimento todo do Largo de S.Bento (existem fotos antigas que atestam este evento), com 3 mil réis fazia o túnel; quando chegou ao final do ano, o Serviço de Obras penosamente informou a vereação de a obra estava atrasada porque havia muita pedra que estava partida ou não era de boa qualidade, mas com mais uns 3 mil réis far-se-ia a obra; como se verificou que o que havia sido feito até nem estava mal, lá foi inscrita a verba; chegado o final do ano, novamente o Serviço de Obras informou de que, afinal, para tudo ficar bem feitinho e bem rematado, seriam precisos mais 4 mil réis. Então, aí a vereação disse: 3 mais 3 mais 4, isso são os 10 mil réis que algumas pessoas disseram um par de anos atrás iriam ser necessários para construir o túnel. E o tal técnico disse: "V.Ex^a tem razão. Mas se eu tivesse dito logo que eram 10 mil réis, ninguém tinha feito nada. Foram 3 mais 3 mais 4, e o túnel está feito!"

Isto serve para exemplificar que, se calhar para o problema da Gruta das Agulhas, Gruta do Natal e outras de que falava há pouco o Aguiar, vai ter que se adoptar uma estratégia semelhante, porque, actualmente, é muito difícil fazer aprovar projectos como os em questão,



sobretudo porque algumas pessoas têm criatividade e ideias, outras pessoas têm capacidade financeira, mas é raro conseguir juntar umas e outras, de modo a fazerem-se as coisas, porque, é evidente, nem toda a gente está a pensar em grutas e, sobretudo, nós não temos a noção real do nosso Arquipélago.

Eu estou a ver muito verdadeiro, numa Associação de que me sinto parte há muitos anos. Nós somos duzentos e cinquenta e tal mil, metade das pessoas que trabalham e moram na 5ª Avenida de New York. E, como um amigo meu me disse uma vez, nós somos o lado esquerdo da 5ª Avenida, todos juntos, os velhos que ainda não morreram e as criancinhas que vão nascer hoje. Ou seja, ou nós temos consciência da nossa pequenez e da agilidade dessa nossa pequenez, ou, se continuarmos a imaginar que queremos ser grandes, nem somos o que somos, nem chegamos a ser o que imaginámos que podíamos ser.

Quando os senhores, a nível de "Os Montanheiros", quiserem musealizar, quiserem intervir num espaço, não se esqueçam de que estão a intervir na Herança duma população e, como o último presidente do Conselho Internacional de Museus dizia, os museus até 1950 eram constituídos por colecções, edifícios e públicos; agora, são constituídos por Herança, território e população.

É com essa Herança, com esse território, e com essa população (misturada com a outra que vem cá estar meia dúzia de dias, e que está farta das mentiras dos esquemas turísticos tradicionais, e que espera não ser mais uma vez enganada com estruturas de "faz de conta") que eu gostava de deixar os meus parabéns por mais um aniversário de Os Montanheiros, e dizer que podem contar comigo, como associado e como director do Gabinete da Zona Classificada de Angra. Muito obrigado."



Encerrou a Sessão o engenheiro Rui Andrade, o qual, em nome da Câmara Municipal de que é vereador com competência delegada, desejou as maiores felicidades a "OS MONTANHEIROS", que "tanto tem prestigiado a ilha Terceira e os Açores", enaltecendo o espírito de carolice que anima os membros componentes desta Sociedade. Referiu que a Câmara Municipal, em consideração ao prestígio que "OS MONTANHEIROS" dão ao concelho, e dentro das respectivas possibilidades (que não são muitas, como sumariou) auxiliará, como o tem feito até agora, esta colectividade, com alguns apoios (sobretudo a nível de materiais e mão-de-obra) que justificadamente forem solicitados à autarquia.

Um ligeiro beberete colocou um ponto final à Sessão Solene comemorativa do 31º aniversário de "OS MONTANHEIROS"

BIBLIOGRAFIA

“VIAGENS GEOLÓGICAS AOS AÇORES” , Mr. F. Fouqué, 1873

No mez de julho ultimo, tentei novamente a ascensão do pico. Resolvêra estabelecer no alto da montanha uma série d'observações barometricas, a horas d'antemão convencionadas com pessoas que deverião fazer no mesmo momento observações iguaes à beira mar. É sabido que com o auxílio de de um formulário, devido a Laplace, pode-se concluir d'estes dados a elevação dos pontos d'aonde foram feitas. Eu devia em seguida proceder à medição geodesica da montanha pelos processos ordinarios de nivellamento, e comparar os resultados obtidos pelos dous methods. N'uma palavra, o fim a que me propunha era verificar practicamente a formula estabelecida pelo illustre astronomo. A grande altura e o alcantilado das encostas do pico, e a sua regularidade por tres lados haviam-me parecido dever proporcionar condições favoraveis para este estudo. Para a realização d'este plano, parti da Area Larga em companhia d'um guia por uma tarde quente do mez de julho. Depois d'algumas horas de repouso a meio caminho à claridade das estrellas, perto das primeiras ondulações da zona das pastagens continuâmos lentamente a nossa marcha ascendente; pelas oito da manhã estavamos sobre a borda da cratera. Algumas centenas de metros abaixo de nós, a atmospherá, saturada de vapores, toldava-se cada vez mais, e bem depressa um veu nebuloso occultou-nos a vista da costa. Depois a nevoa, sempre mais espessa, adquiria um aspecto procelloso: como uma maré formidavel, subia sem cessar, contrahindo-se sempre a especie d'ilhota acria que occupávamos. O sol offuscáva-nos ainda com a luz de seus raios, mas já sentiamos a aproximação da nebulosa onda: o vento do sudoeste açoutáva-nos, batendo-nos no rosto um chu-

visco miudo, semelhante àquelle que levantam as ondas do mar enfurecido. Do ponto occupado dominávamos a superficie da nevoa: viamo-la ondear, ennovelar-se, precipitar-se contra o flanco occidental da montanha e dividir-se em duas grandes correntes, fugindo para leste de um e outro lado com incrível rapidez. Com tudo ella subia sempre, até que uma columna maior envolveu-nos na sua bruma, tão espessa, que nem mesmo se via o chão que pisávamos; foi sondando o terreno que nos dirigiamos entre as irregularidades à procura d'um abrigo.

Uma fenda desigual estende-se perto da borda da cratera, aonde forma uma especie de estreito fôssó entulhado de grossos fragmentos de lava. Alguns penedos d'estes formam entre si como uma gruta que escolhi para logar de descanso. Não esqueceréi jámais as longas horas d'aborrecimento que passei n'este sombrio retiro, obrigado a accender, alto dia, a vela para poder lêr, e sem ter mesmo uma mouta de queiró para fazer uma fogueira e seccar o fato, repassado de neblina. No momento em que allumiei pela primeira vez o fundo da gruta grandes borboletas nocturnas, perturbadas no seu somno pela claridade da luz, saíram das fendas da rocha e voltearam zumbindo em roda de mim; depois volveu o silencio, e no primeiro dia não ouvi outro ruido que não fôsse o soprar do vento d'encontro aos rochedos e o resonar do guia que dormia para um canto enrolado na manta. Uma distracção inesperada interrompeu no dia seguinte, por algumas horas, o curso das minhas ideas. Sobre as rochas que dominavam a entrada da minha pouzada soou de repente o alegre gorgoio de uma pequena arvelinha (motacilla sulfurea). Nesta elevação os sons pareciam du-

ros e sem echo, mas o rhythmo era mais sonoro e o canto claro - Uma claridade momentanea fez-me perceber a poucos passos, sobre a aresta d'uma grande pedra, o pequeno e bello canto cujos sons vinham a proposito despertar o torpor da situação. Sua melodia alegre parecia querer-me consolar no meio da fria cerração que me envolvia. O guia, habituado como toda a gente do campo a conhecer os passaros pelo canto, não confiaria no ouvido se não visse com seus proprios olhos a linda arvelinha com as pennas amarellas e brilhantes das azas, e movimento caracteristico da cauda. Era a primeira vez que elle ouvia uma ave naquella região agreste do pico, e a sua admiração era tanto maior quanto é sabido que a arvelinha prefere a tudo os logares baixos e humidos das pastagens. A superstição vinha aumentar a sua admiração, por isso para os Açorianos a arvelinha é venerada. Segundo uma lenda popular entre elles, logo que a Sacra Familia procurou refugiar-se no Egypto, fugindo às crueldades de Herodes, a codorniz precedia os fugitivos, denunciando-os com os seus gritos, em quanto que a arvelinha os seguia, trabalhando em apagar o rasto das suas pegadas. Esta ingenua crença franqueia a esta avezinha, em todos os Açores, o direito de vir sem receio até às portas das habitações.

Dia e noite sahia de rastos do meu coutho a fazer alguma observação meteorologica. Ao meio do dia, a temperatura estava a dous grãos pouco mais ou menos acima d'aquella do ar humido que affluia do sudoeste, e à noite a differença tornava-se maior. Pelas duas horas depois do meio dia tinha logar a maxima temperatura que não passava de 10° e meio: às tres horas da manhã achava-se o minimo que se comprehendia entre 4 e 5 grãos. Durante este tempo, às mesmas horas, na costa beira mar, tanto no Pico como no Fayal, a temperatura maxima e minima era respectivamente de 23 grãos e de 27,5. Em logar de amortalhado, como eu me achava no alto do pico, n'um mar de nevoa, gosava-se proximo à costa a claridade d'um sol esplendido. D'onde procedia a agglomeração das nuvens em redor da sumidade da montanha ?

Não podia evidentemente attribuir-se a uma condensação de vapores da atmosphera em contacto com a terra, por isso que o thermometro marcava uma temperatura do sólo superior ao do ambiente.

Uma outra razão mais plausivel se nos apresenta ao espirito quando consideramos o que se passa. A atmosphera póde ser considerada como composta de camadas tanto mais densas, mais quentes e mais carregadas de vapores, quanto mais baixo fôr o seu nivel.

Obedecendo ao vento, movem-se simultaneamente n'um espaço limitado, conservando um equilibrio reciproco e suas condições phisicas normaes; mas se encontram na sua frente o obstaculo d'uma grande montanha, a força que as impelle fustiga-as sempre, obrigando-as a seguir seu curso desviando-se. Uma parte do ar das camadas inferiores encana-se à direita e à esquerda do monte, outra porção eleva-se impellida por uma brisa ascendente, incorpora-se com as camadas superiores, muito mais frias, e depressa partilha da sua temperatura. Então os vapores de que estão carregados tornão-se mais que sufficientes para os saturar, opera-se uma condensação, as nuvens formam-se e engrossam, algumas vezes rapidamente. De longe o alto da montanha parece envolto n'uma bruma immovel; mas quando ahi estamos, presenciamos facilmente o movimento que se dá e a successão de massas de nevoa, transportadas pela corrente aerea que sobe. Estes phenomenos prolongam-se às vezes mezes inteiros, sem que um raio de sol allumie o cume do pico. A sombra das nuvens, a neve conserva-se todo o anno nas fendas da borda da cratera pelo lado do sul, e um pequeno deposito, talhado pela natureza, n'uma grande pedra da rocha, fornece em todas as estações um supprimento d'agua potavel.

Tres dias tinham já passado depois que me installára na sumidade do dico, e o nevoeiro nada perdia de intensidade. Nossos mantimentos estavam exhaustos, o projecto de nivelamento tornava-se impossivel em razão da meia obscuridade em que estava tudo submergido em pleno meio dia; tornei a descer, e reentrei à tarde em casa do consul francez, na praia da Area Larga, prostado de fadiga e mortificado

pelo infeliz successo da minha tentativa de trabalhos.

A ilha do Pico não possui ainda mais que alguns traços de estrada de carro, e os antigos caminhos, as mais das vezes, não passam de atalhos escabrosos: por tanto não se vê em circulação nem carros nem carruagens de qualidade alguma. As bestas de carga são ahí raras. A cada passo encontra-se homens e mulheres levando à cabeça pesados e volumosos objectos, caminhando não obstante ligeiramente por logares os mais pedregosos.

O vestuario da gente do Pico differe muito daquelle dos habitantes da Terceira. O pesado capote de panno escuro usado pelas damas da Terceira é ahí desconhecido, e a carapuça dos homens é substituida por um simples chapéo de palha de abas largas. As mulheres servem-se de chapeos iguaes. Os braços andam meio nus; vestem um saiote curto de lã azul com listas vermelhas ou amarellas na borda; ao lado pende-lhes um sacco mosqueado de varias cores. O habito de trazer objectos pesados em equilibrio à cabeça desenvolve-lhes o peito e dá-lhes um ar marcial. Andam sempre descalças, em quanto que os homens usam sandalias de pelle de cabra.

Não ha estalagem em parte alguma do Pico; quando se quer dar uma volta em roda da ilha, é preciso prevenir-se cada um de cartas de recommendação e pedir hospitalidade de povoação em povoação segundo o antigo costume. Por toda a parte encontrareis uma recepção cordial; mas a composição da ceia que vos espera varia muito conforme o grão de commodidade da pessoa que vos recebe: ora servem-vos uma galinha cosida cobetta d'um saboroso arroz, ora a refeição é mais magra compondo-se tão somente de queijo e pão de milho. Uma boa chicara de chá quasi sempre é servido no fim da comida, quer succulenta ou frugal. A dormida não é menos variada: uma noite dormireis n'uma grande cama de madeira d'entalhe, guarnecida de franjas e cortinados; no dia seguinte, um simples catre vos proporciona um somno tão profundo como aquelle da vespera sob o monumental docel.

Pico conta nove leguas de comprido; fiz a dé dor partes a jornada a pouco e pouco, no

mez de novembro de 1867. Naquelle ephoca, a população da ilha atravessavá uma crise terrivel que começava apenas a recobrar-se. Havia muitos annos que o seu principal recurso se aniquilára. Os estragos causados pelo oidium tinham sido taes que haviam arrancado quasi todas as plantas da vinha.

Em 1852 as vinhas do Pico produziam vinte cinco mil pipas d'um vinho secco um pouco semelhante ao da Madeira; desde o anno seguinte o desenvolvimento do temivel fungo reduzio a colheita a uma quinta parte, e poucos annos depois cessou inteiramente o fabrico de vinho. Em 1867, debalde se procurava um cacho d'uvas em toda a ilha.

A doçura e humidade do clima triumpharam dos remedios empregados e o mal tornou-se irremediavel.

Presentemente intenta-se introduzir algumas cepas de diversas origens; mas não se pode fundar esperanças, senão vagas, sobre o bom exito deste ensaio. O mal das vinhas foi sobretudo desastroso para o Pico, aonde a natureza do solo na maior parte não permite outro genero de cultura. Ella rebentava no meio de lavas, em sitios destituidos inteiramente de verdadeira terra vegetal. As raizes das cedas enterravam-se no cascalho volcanico de que se compõe as fendas dos rochedos. Nem gramineas, nem legumes, nem batatas podem dar uma colheita soffrivel em semelhante terreno. Teem-se limitado, na falta de cousa melhor, a plantar figueiras, sobretudo damasqueiros, cujas frutas empregam-se na distillação d'aguardente.

Uma grande parte da população, perseguida pela miseria, tem deixado o pais. A emigração dirigio-se para o Brasil: em 1867 esta direcção da corrente emigrante durava ainda e estava sendo quase exclusivamente seguida. D'ahi para cá a onda dos emigrados tem-se dividido; uma grande parte vae para os Estados Unidos e especialmente para a California. Os emigrantes do Pico são trabalhadores e economicos, um pouco avidos mesmo.

Assemelham-se, sob bastantes pontos de vista, aos nossos Auverguezes, como se em paizes tão distanceados como são os Açores e a Fran-

ça central, a mesma natureza do sólo transmittisse as mesmas qualidades moraes aos indigenas. Do mesmo modo q'os Auvergueses, depois de junto um pequeno peculio no estrangeiro exercendo todos os misteres possiveis, apressam-se a volver à terra natal aonde se casam e fixam a sua residencia em definitivo. Quando se vê no Pico uma casinha bonita e construida ao pé de qualquer insignificante povoação, podemos affirmar pertencer a algum desses felizes aventureiros. Aquelles que viveram no Brazil teem modificado um pouco seus habitos e regimen anterior, mas os que voltam dos Estados Unidos parecem transformados. Tem tomado, por instincto, amor de limpeza e ordem que se denuncia logo n'uma immensidade de incidentes. Um empregado da alfandega do Fayal dizia que em abrindo a mala d'um açoriano regressado à patria, podia certificar, segundo o arranjo da roupa branca, de que pais vinha o recém chegado. O retorno dos expatriados seria ainda em maior escala, se os mancebos que emigravam clandestinamente para se escapar ao recrutamento não receassem os rigores das authoridades portuguezas. se bem que o serviço militar nada tenha de mau em Portugal, mesmo assim é forçoso reconhecer que elle inspira aos açorianos a maior repugnancia possível. A disciplina é-lhes odiosa: muitos abandonam paiz e familia preferindo tudo à milicia.

A instrucção é pouco generalisada no Pico; contudo, com grande surpresa para mim, encontrei alguns homens de letras, possuindo não só conhecimentos das obras do seu paiz, mas tendo mesmo idéas muito extensas da litteratura franceza. Vi com admiração nossos manuaes do baccalгурést figurando entre os livros pouco numerosos d'um proprietario, e parecendo possuir para elle uma fonte inexgotavel de sciencia. Um dos meus hospedes, em uma das outras ilhas, era um fervoroso sectario de Proudhon, conhecendo a fundo as obras do mestre.

Na villa das Lagens da ilha do Pico, encontrei um doutor em theologia, admirador não menos apaixonado da Pelletan. Depois de me haver introduzido na sua bibliotheca, na qual figuravam os nossos classicos do seculo 17 e 18 e muitos outros authores modernos, o dou-

tor conduzio-me à beira mar e apontou-me, ancorado perto da costa, um barco que lhe pertencia e que n'uma larga chapa com as cores da bandeira franceza tinha pintado em letras grandes: Eugene Pelletan. N'uma outra localidade, um de meus hospedes, miguelista accerrimo, exaltou o Visconde d'Arincourt como um de nossos melhores escriptores nacionais.

Durante a minha digressão ao Pico, o mau tempo obrigou-me muitas vezes a parar no caminho. N'uma occasião de temporal, fui hospedado pelo cura da aldeia de San Matheus, que me installou n'um pequeno pavilhão situado sobre o pincaro d'um rochedo. A noute desencadeou-se a tempestade com tamanha violencia que massas d'agua arrojadas pelas vagas vinham bater com fracasso contra os postigos fechados da janella. O embate das ondas fazia vibrar a rocha nos seus alicerces.

Em uma outra parada, na villa de San Roque, tive a satisfação d'assistir à festa annual em honra a este Santo e a uma outra cerimonia singular. Estas festas cuja origem remonta a uma ephoca anterior à descoberta dos Açores, tem logar, com algumas modificações, em todas as povoações das ilhas deste archipelago. Em cada localidade, n'um certo dia do anno, geralmente no dia da festa do Orago respectivo, os habitantes dirigem-se à egreja depois de haverem combinado entre si sobre a escolha d'um dos homens principaes da freguezia, que sob o titulo d'imperador, deve desempenhar o primeiro papel na solemnidade. Celebra-se missa com grande pompa: n'um certo ponto do officio divino, o eleito do suffragio popular adianta-se para o altar, o padre colloca-lhe na cabeça uma coroa prateada e na mão um sceptro dourado, ao passo que se lhe apresenta uma pequena imagem do Santo tutelar do logar. Finda a missa, sae elle da igreja, acompanhado pelas pessoas presentes que o conduzem em triumpho ao som de rabeças até um pequeno edificio sustido por columnas e guarnecido no interior por assentos de pedra. Este modesto monumento chama-se theatro, ou Espirito Santo. Cada logar tem o seu. O imperador assenta-se no banco do fundo, cercado das notabilidades;

diante de si tem uma meza arranjada sobre a qual cada um deposita a sua offerta: pães, frutas, legumes, ovos, carneiros, cabritos, etc. O imperador contribue naturalmente com a maior parte. Aquelle de San Roque, salvo, havia pouco d'um naufragio tinha segundo me disseram morto cinco bois para festejar, a um tempo, seu salvamento e novo titulo. O producto das offertas é distribuido pelos pobres do lugar; quando a meza fica limpa, o cortejo põe-se novamente a caminho e conduz o imperador a casa.

Um lauto jantar espera os amigos do festeiro. A noitinha começam as dansas e duram toda a noite. Todas as pessoas do lugar tem entrada franca sem distincção d'idade e fortuna, e parecem sentir o mais vivo prazer. A imagem do santo, collocado n'um andor enfeitado, parece presidir à funcção. A dansa favorita é o chamarita. Anda-se de roda e compõe-se de movimentos de corpo muito semelhantes àquelles dos nossos aldeões do Auvergne. Os dansantes cantam alternativamente duas estrophes, com acompanhamento de viola pouco variadq. As cantigas são improvisadas. Os improvisadores, homens ou mulheres, tem ordinariamente uma facillidade extraordinaria de composição. Acontece frequentemente que as estrophes são respondidas, estabelecendo-se entre os cantores um verdadeiro torneio poetico; às vezes tomam seu calor e cruzam-se então ditos picantes. Os bailes repetem-se ainda, duas ou tres vezes por semana, por espaço d'um mez. No fim do anno, o imperador reconduz à igreja o sceptro, a coroa e a estatua do santo, e cede seu titulo a um novo eleito.

Depois da descoberta dos Açores, o Pico tem sido theatro de muitas erupções volcanicas. A 21 de Setembro de 1572, depois d'um violento tremor de terra, cujos abalos duraram vinte minutos, cinco crateras alinhadas transversalmente no grande eixo da ilha, abriram-se não longe da aldéa da Prainha do Norte, e lançaram massas enormes de materias escandescentes. O clarão foi tal que se via na ilha de San Miguel. As lavas estenderam-se na largura d'uma milha, e chegaram até o mar, a uma distancia

de quazi tres milhas do ponto de partida. A esta crise succedeu um periodo de descanso de seculo e meio. No 1º de fevereiro de 1718, tres fortes abalos fizeram-se sentir em quasi toda a ilha, e sem demora uma formidavel explosão teve logar sobre o flanco septentrional do Pico acima da freguezia das Bandeiras e Santa Luzia. Só os antigos phenomenos volcanicos são capazes de dar uma idéa dos grandes estragos que se produzem.

No sitio d'esta erupção, distingue-se ainda hoje sete boccas alinhadas de norte a sul. A mais baixa está a uma altura de 300 metros; a mais alta, acha-se a um nivel de 400 metros acima da primeira. Alem, o pico é talhado quasi verticalmente e eleva-se sob a forma d'um talude ingreme de mais de 1000 metros de altura. Esta medonha escarpa é composta em grande parte, mormente na baze, de escorias finas, e na parte superior de camadas de lava delgadas e fendidas, que todos os annos dão logar a quebradas, desabando.. As materias incoherentes expulsas pela bocca d'esta erupção tem sido tão abundantes que formam duas colinas paralellas nas bordas dos destroços. A quella que occupa a borda occidental é muito mais consideravel da que está a leste, d'onde se pode concluir que durante a erupção reinava o vento de leste. A intensidade do jacto demonstra mais o importante papel que desempenhavam os gases e os vapores queimados n'este memoravel acontecimento. Em quanto ao correr das materias em fusão, não estava em relação ao cataclysmo; não obstante foi bastante consideravel para que as lavas que chegaram até o mar formassem adiante da costa um promontorio de 400 metros, aproximadamente, de comprimento.

Dois semanas tinham-se passado depois das primeiras manifestações d'aquella erupção, e os phenomenos parecião quazi em via de diminuição quando repentinamente o solo abriu-se do outro lado do pico, ao oeste da aldeia de San João. Tres crateras se formaram immediatamente sobre uma mesma linha recta; depois uma quarta, muito notavel pela conservação d'uma parte da abertura na qual está inseri-

da e pela presença d'outro cone concentrico no interior, collocado n'um ponto mais baixo. Sahio elle das ondas de lava que se estenderam até o mar na forma d'estreitas ribeiras em justaposição, umas sobre outras.

A erupção de Santa Luzia foi de pouca duração; esta prolongou-se até o mez de janeiro de 1719. Tudo parecia entregue ao descanso havia muito tempo quando, no anno seguinte, tremores de terra mais violentos do que nunca, fizeram-se sentir, e a 10 de fevereiro de 1720 uma nova erupção teve lugar na contra costa do logar de San João. Esta durou seis mezes; e deu origem à formação de muitos outros cones e a um derramamento de escorias em abundancia que ainda hoje resiste a todas as tentativas de vegetação. um deposito, sufficiente para abastecer de agua potavel a povoação visinha. A certas horas do dia, as mulheres das Bandeiras entram na furna, levando à cabeça jarras que enchem d'agua. Quem as vê n'este escuro recinto caminhando descalças a uma de fundo, carregando à cabeça vasos de forma antiga, julgará facilmente assistir a uma d'essas cerimoniaes antigas de que os pintores d'antiguidade nos conservam a descripção.

Falta agua potavel nesta região littoral do Pico; as aguas das chuvas somem-se immediatamente pelo solo poroso e aberto, e não formam nascentes por pouco abundantes que sejam se não em pontos cobertos ordinariamente pelo mar. Em muitos logares, lavam a roupa nas marés baixas em poços abertos na area da praia. As cisternas são mui raras, e os habitantes da

maior parte das povoações da ilha tem por unica bebida uma agua salobra que provem dos poços pouco profundos abertos a pequena distancia da costa. Existe no platô que se espraia no centro da ilha, a leste do pico, alguns pequenos lagos cujas aguas podião ser encanadas, sem grande despeza, para as povoações visinhas; mas até hoje as administrações do districto tem descurado esse ramo.

A zona central, que é na verdade a parte rica e fertil da ilha, é completamente deserta e accessivel apenas por atalhos.

No Pico, como tãobem no Fayal, é indispensavel dar impulso maior ao desenvolvimento das obras publicas para conseguir a conducção d'agua aos lugares mais povoados. O projecto d'um quebra-mar destinado a fazer da bahia da Horta um porto d'abrigo deve realizar-se n'uma ephoca proxima, mas o seu complemento deve ser a construcção d'um caes na costa mais proxima do Pico, a fim d'assegurar com todo o tempo a communicacão entre as duas ilhas. Durante perto de quatro seculos, os Açores não foram mais que uma colonia donde a metropole auferia grande receita, sem sonhar em ahi crear obra alguma d'utilidade. Presentemente não acontece o mesmo, e os Açores reclamam imperiosamente a fundação d'escolas e a execução de grandes obras d'utilidade publica de que as suas ilhas tem urgente necessidade.

(CONTINUA NO PROXIMO NÚMERO)

GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES

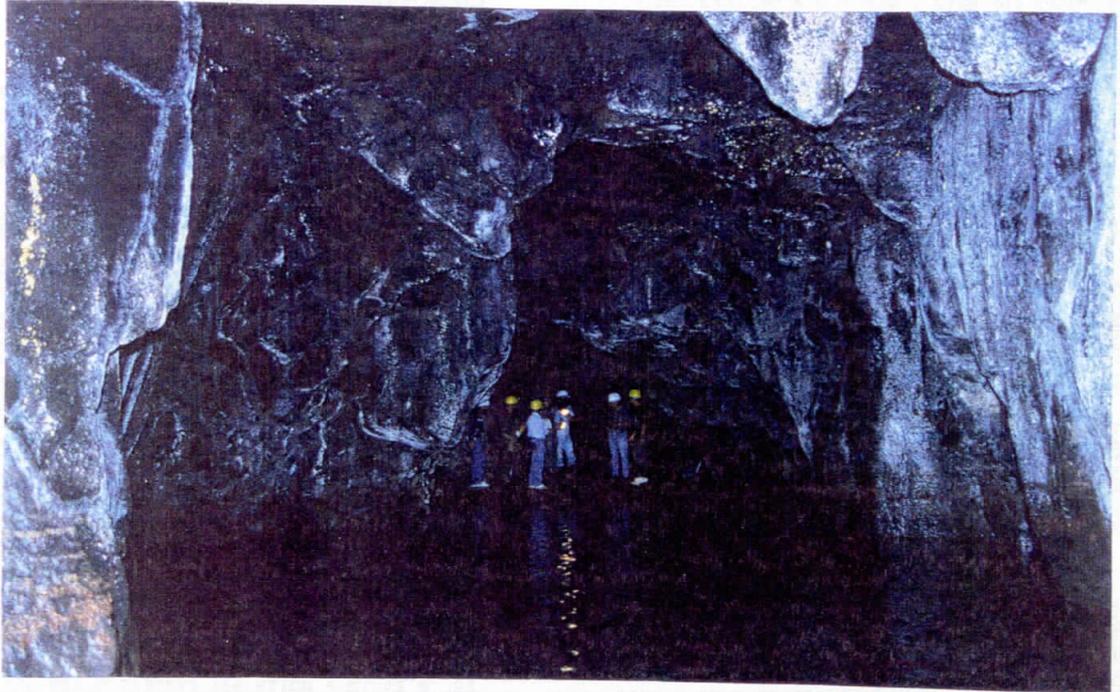
No nosso último número, na rubrica GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES, ao tratarmos a GRUTA DOS PRINCIPIANTES, foi apenas contemplada a parte deste tubo vulcânico que se encontra topografada. Posteriormente, e como se pode constatar pelo nº 16 de PINGO DE LAVA (na rubrica TRABALHOS DE CAMPO), foi explorada continuação deste tubo de lava (também conhecido por GRUTA DOS CARVOEIROS), o que nos permite concluir que o seu actual comprimento não é de 255 metros, mas sim de 486 metros.

POISOSPEL

4 9 9 4

S. Jorge

"OS MONTANHEIROS" na FURNA DOS TIJOLOS



Antes de relatarmos a "POISOSPEL-94", vamos recuar seis décadas no tempo e tomar conhecimento de uma interessante crônica publicada pelo correspondente (não identificado) do "Correio dos Açores" em São Jorge (nº 4547, de 23 de Janeiro de 1936, "Carta de São Jorge - UMA EXCURSÃO"):

CALHETA, 15 de Dezembro. - A Fajã da Caldeira de Santo Cristo, que dista desta Vila da Calheta uns bons quinze quilómetros, e fica situada à beira-mar, no lado norte desta Ilha de S. Jorge, é um bonito povoado constituído por umas dezenas de casas, algumas delas de boa construção e pequenos prédios de sementeira, a que chamam "nateiros". Ergue-se, a meio do povoado, a ermida onde se venera a imagem de Santo Cristo dos Milagres. Uma linda e grande lagoa, para onde o mar entra, na preamar; e que deve medir algumas centenas de metros de comprimento e cerca de cem na sua largura máxima.

Uma lagoa que se orgulha por esconder na sua areia ameijoas em grande abundância, e que seria uma bela praia de banhos se não tivesse a defendê-la aquelas altíssimas rochas, de uma beleza horrível, que nós contemplamos com um misto de admiração e receio...

E linda, muito linda a lagoa da Caldeira de Santo Cristo, e é rica porque de lá se tiram, durante o ano, alguns centenaes de alqueires de ameijoas, que são vendidas por alto preço, constituindo uma regular fonte de receita para aqueles dos habitantes que as vão colher ou as transportam para esta Vila da Calheta e para outros pontos da ilha. E linda, é rica, mas não está envolta em mistério, não é uma lagoa encantada como uma outra que fica ali próximo, oculta nos negros rochedos, e ignorada de muitos.

A "lagoa misteriosa", assim a queremos denominar, tem ido muitas pessoas, ou melhor, muitas pessoas já entraram na enorme "furna" que oculta a "lagoa mistério", mas apenas viam um pequeno areal e uma pequena parte da lagoa, alguns metros de água e, para além, escuridão e mistério...

A luz de velas ou de lanternas vulgares não permitia ver a lagoa em toda a sua extensão. Trocavam-se impressões, emitiam-se pareceres, aventavam-se hipóteses e a lagoa lá continuava envolta em mistério... Dúvida? Receio?

Não cremos, mas sim falta de iniciativa. E essa iniciativa, que partiu do calhetense nosso amigo José Mariano da Cunha e Silva, foi recebida com entusiasmo por um grupo de outros calhetenses, que logo resolveram construir um pequeno barco-chata, e organizar uma excursão à Fajã da Caldeira de Santo Cristo. Dito e... feito.

O pequeno barco é construído na oficina de Pedro Maria da Costa, que risca, e a habilidade e grande entusiasmo do amigo José Mariano executam...

Na sexta-feira, 6 do corrente, o barquinho ficou construído, e combina-se a partida para o dia imediato. No sábado, aí por volta do meio-dia, partem, em camionete, os excursionistas calhetenses que vão à Caldeira de Santo Cristo com o in-

tuito de explorar a "lagoa mistério". Tomam parte na excursão os seguintes indivíduos:

José Mariano (que vai arvorado em Vasco da Gama), Aristides Silveira, Frutuoso de Oliveira, José Mendonça, Manuel Cordeiro e o rabiscador desta pobre crônica. Levamos pão, algumas latas de sardinha, queijo, bananas, laranjas e açúcar: levamos o barquinho, dois pequenos remos, uma boa porção de metros de cabo, uma sonda e uma mascote: um bonito cachorro "podengo" que por lá se desencaminhou e ainda não apareceu... Levamos, finalmente, abraços dos amigos, com desejos de boa viagem e feliz êxito. E lá parte a expedição. Durante o tempo que a camioneta leva a percorrer a distância que nos separa do sítio da "ribeira dos vimes", na estrada da serra do Topo, conversa-se, discute-se, largam-se larachas..

O carro pára. Chegámos. Descarrega-se a mercadoria para uma sobra da estrada, e em poucos minutos tudo ali está a monte e à mistura: barco, cabos, cestas, sacas, espingardas, os sacos de agasalho, etc. Dois dos excursionistas agarram-se ao barquinho, os restantes dividem entre si amigavelmente toda aquela trapalhada, e entramos nos pastos, tomando o caminho que nos conduzirá à Fajã da Caldeira, à fajã das ameijoas.

A propósito da gloriosa traveçsã Lisboa-Rio de Janeiro, empreendida pelos grandes aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral e algumas horas após a sua chegada à capital do Brazil, Gago Coutinho dizia a uma distinta dama brasileira - "subir não custa, minha senhora...descer é que são elas!..." "e eu que o diga" - rematou Sacadura Cabral. E assim é. Não nos custa subir a pequena distância que nos separa do principal caminho para a "rocha" da Caldeira. Mas eis que começa a descida, por um "carreiro" tortuoso e escorregadio, pela abundância de lama que um imperitente orvalho vai aumentando e que, teimosamente, se agarra às solas dos nossos sapatos, obrigando-nos a uma descida quasi aérea... Mas lá vamos, o melhor e mais depressa que nos é possível, pois a tarde vai avançando e as nuvens carregam-se. O Manuel Cordeiro, valente e corajoso, carrega com o barquinho, e o nosso Vasco da Gama leva os instrumentos científicos, e lá vamos descendo, admirando alguns soberbos quadros de belezas naturais que de ali se disfrutam: à direita, uma altíssima rocha, cortada quasi a prumo, imponente, cheia de uma beleza horrível; à esquerda, e separando dois prédios de relva, um bocado de rocha que nos dá a impressão de ser uma muralha em ruínas. Lá ao fundo, a ribeira da Caldeira de cima, que nunca cansa, pois corre durante todo o ano, levando para o mar aquela abundância de água que a falta de fundos não permite que a Companhia Calhetense de Electricidade aproveite, transformando-a em energia hidráulica.

Já se avistam as primeiras asas da Caldeira de Cima. Mais uma meia hora de caminho, e como a chuva aperta, entramos para uma casa onde reside um casal novo, já com um bom rebanho. Encontramo-nos já bem molhados por fora, e sentindo a necessidade de nos molharmos também um pouco por dentro. Mas ali não há aguardente, apenas temos, e com abundância, água da ribeira... Fuma-se um cigarro, satisfaz-se a curiosidade do dono da casa explicando o fim da nossa ida àquelas paragens e metemo-nos novamente ao caminho, visto que deixou de chover.

O caminho, agora, é um pouco melhor; por ele vai subindo um pequeno carro de bois, e o Manuel Cordeiro já não barafusta tanto... Descemos mais alguns metros e parámos então para admirar um lindo panorama, que é o conjunto formado pelas casas do povoado, com a sua ermida muito branca, lá ao fundo a soberba lagoa das ameijoas, vendendo-se no lado sul uma rocha altíssima e no lado norte o mar - esses dois perigosos inimigos que constantemente ameaçam os habitantes da linda Fajã da Caldeira de Santo Cristo.

Descemos mais umas duas centenas de metros e um dos excursionistas vai bater à porta da casa de residência de um parente que ali vive com a sua grei.

Antonio Teixeira Batista, o dono da casa não está, mas não tarda... Vamos, entretanto, apresentar os nossos cumprimentos ao cura-capelão do lugar sr. Padre Antonio Francisco de Avila, que nos recebe amavelmente e muito nos obsequiou durante a nossa estada na Caldeira.

Cerca de uma hora depois, já estamos confortando os estômagos, instalados no melhor quarto da casa de Antonio Teixeira Batista, onde pernoitaremos. Para ele e para sua esposa, que nos cumularam de atenções e nos dispensaram inumeros favores, vão os nossos agradecimentos. Comeu-se bem, bebeu-se melhor ainda (que o diga o Manuel Cordeiro) e por essa ocasião alguém vem dizer-nos que o sr. Padre Avila nos espera. Pouco depois, encontramos-nos todos na sala de jantar do presbitério, bebendo um saboroso café, que cai admiravelmente.

A seguir ao café, fuma-se um cigarro, conversa-se durante um bom bocado falando-se da guerra da Africa e da paz da Sociedade das Nações, e quando toca a recolher vamos, novamente, para casa do sr. Antonio Teixeira Batista, onde estão já preparadas as camas. Antes, porém, de irmos para vale de lençois jogamos uma sueca. Aristides Silveira e o seu parceiro, também Silveira, ganham os primeiros jogos e as primeiras partidas; ganham sempre, e fazem o seu bocadinho de troça, o que leva um dos parceiros contrários a dizer - "não admira, pois a ignorância está no poder.."

Ouvem-se as 9 horas, e alguém lembra que são horas de dormir, para quem já palmilhou naquele dia uns bons quilômetros por veredas e atalhos. Está dito, vamos dormir. Durante alguns minutos, reina no quarto um grande silêncio, como se efectivamente ali todos dormissem. Num dado momento, o Manuel Cordeiro levanta-se e tem-te-não-caias, procura qualquer coisa para beber, pois está morto de sede... O Aristides zanga-se e diz-lhe - "não bebesse: tanto! Acaçapa-te, que nós queremos dormir" - com o barulho despertam os poucos que já dormiam. Frutuoso de Oliveira protesta, e José Mariano protesta também. Ambos, combinam contar muito baixinho até mil, a ver se o sono volta novamente e, ou porque se enganaram, ou porque o sono deles efectivamente se apoderou, pouco depois já não os ouviamos. O relógio bate as dez, sessenta minutos mais tarde bate as onze, e assim a noite vai avançando, sem que o sono tenha compaixão da maioria dos excursionistas. Seria do café?... Mas, não, o café soube tão bem... Se ao menos tivessemos um baralho de cartas... Mas nem isso - as cartas eram do sr. Batista, e ele levou-as. Paciência!... Pare-se, ao menos o relógio, para não continuar a martelar-nos na cabeça, e quando a manhã começar a clarear é pôr ao fresco.

Cinco e pico, e já vamos a caminho da rocha, debaixo da qual se oculta a "lagoa misterio". Vamos ver se abatemos algumas bombas, mas por mais que a gente espreite, reparando atentamente para todas as fendas e saliências dos rochedos, nem uma pomba aparece... Não há tempo a perder e, por isso, resolvemos então dar um pequeno passeio pelas margens da lagoa das ameijoas, até que sejam horas de descer à grande e misteriosa furna.

Cerca de oito horas. Encontramo-nos no extremo oeste da grande lagoa da Caldeira, muito próximo de um pequeno aglomerado de casas de habitação, umas sete, que com alguns pequenos prédios de sementeira, a que chamam "nateiros", formam o pequeno logarejo da Fajã dos Tijolos. Atravessamos algumas terras, que nos separam da altíssima rocha, cortada quasi a prumo, que dista da lagoa da Caldeira cerca de setenta metros, e paramos mesmo junto à entrada da grande furna, para verificar, pela bússola, a direcção: virados ao sul com dez graus de inclinação para leste. Desarma-se o baú muito, prepara-se a cola que servirá para tapar as juntas maiores, e preparam-se também a lanterna e os candieiros. Chega o grupo de habitantes do lugar: querem ver como nunca viram, por falta de boa luz, a lagoa que se esconde lá em baixo.

Tudo está pronto. Entramos, quasi de cócoras, descemos cerca de dois metros nessa incomoda posição, retomamos então a posição natural, e descemos mais uns quinze metros por sobre um montão de pedras, que mãos quasi criminosas para ali levaram com o intuito de obstruir a entrada. Lá em baixo, um pequeno areal formado pela bagacina vermelha que as chuvas vão levando aos terrenos mais proximos, areal que mede 5,50m de comprimento por 4m de largura, e, finalmente, a "lagoa mistério"! Enquanto uns vão armando o barco, os outros vão admirando a beleza horrível daquele conjunto: uma enorme furna, com um tecto em abóbada, pedra branca, quasi tão branca como a cal, e pedra preta como ardósia; em baixo, uma linda lagoa, cuja água temperada, pois verificámos que nessa lagoa no mesmo nível da lagoa da Caldeira, e estamos convencidos, por informações que recolhemos, que ali se deu, há muitos anos, um grande desabamento de rocha, que, arrasando uma parte da lagoa da Caldeira, formou, lá em baixo, a "lagoa mistério".

O barquinho é empurrado para a água, e para ele entram o nosso "Vasco da Gama" e o Manuel Cordeiro. Ao barco é presa uma das extremidades de um comprido cabo, que fica em terra, para o "querer e vier, e lá partem os dois "exploradores", por "águas nunca d'antes navegadas". O Manuel Cordeiro empunha os remos, o José Mariano vai sondando, e o barquinho avança lentamente. Não encontram obstáculos, não há escolhos, não existe ali o perigo. Os que ficam no areal vão vendo, à claridade de um bom candieiro, da "Vacuum", a configuração da enorme furna, e água, sempre água. De quando em quando, cai lá de cima do tecto uma gota de água, pesada como uma pedra e fria como gelo. O barquito, lá ao longe, aproxima-se de um pequeno arco, aberto na rocha e que quasi toca a água. Parece-nos que o barco não caberá por esse buraco, mas ele lá vai... Os tripulantes do barco, passado o "estreito", gritam entusiasmados: - "Adeus, rapazes! Vamos para a Abissinia..." - "Cumprimentos ao Negus!" - gritámos nós num entusiasmo que não é isento de receio... Os pândegos, para nos darem a impressão de que a lagoa não tinha fim, baixam a luz e puxam o cabo, puxam sempre, e a luz enfraquece cada vez mais... O entusiasmo cresce, mas o receio aumenta também. Súbito, o

pequeno barco ilumina-se e o barquinho aparece, já de regresso. Finalmente! O Manuel Cordeiro explica a manobra do cabo e da luz, e o José Mariano dá-nos o cabo com as medidas: do areal ao arco 21 metros, e do arco para dentro 9m; profundidade 2,40m; largura máxima 5,90m, mínima 3 metros; da superfície da água ao tecto 3,80m; largura do arco 1,10m, altura 0,80m; a segunda lagoa, isto é, a parte que fica para além do arco, tem, como já dissemos, 9 metros de comprimento por 3 metros de largura.

Estava, finalmente, desvendado o misterio... Quasi todos os excursionistas percorrem, no barquinho, a linda lagoa misterio. Descemos quasi todos e não todos, pois um deles não quiz lá ir, com receio de se encontrar com os abexins...

Muitos dos habitantes da Caldeira, que nos acompanham, também fazem a viagem, e um deles, que ao passar o arco, não observou à risca as instruções do Manuel Cordeiro, deu uma pancada de respeito com a cabeça na rocha. O Manuel Cordeiro diz que o barco estremeceu, mas julgamos que é força de expressão.

Está tudo visto, tudo medido e os apontamentos estão no papel. A lagoa já não constitui, para nós, um misterio, mas continuaremos dando-lhe essa denominação. O barquinho é oferecido a Santo Cristo e provavelmente ficará na Caldeira, para servir a pesca na lagoa das Ameijoas, ou para recreio na "lagoa misterio"...

Resta-nos somente agradecer a alguns dos habitantes da Caldeira de Santo Cristo - especialmente aos srs. Padre António Francisco de Avila e Antonio Teixeira Batista todos os favores que nos dispensaram, e é o que vamos fazer, preparando-nos então para o regresso à Calheta, onde chegamos por cerca das 19 horas do domingo, oito do corrente, depois de palmilharmos uns quinze quilómetros, mas cheios de contentamento, orgulhosos mesmo por sermos os primeiros a desvendar o misterio daquela linda lagoa que se esconde nos rochedos.

Os leitores do "Correio" que passarem os olhos por esta pobre e despretenciosa crónica, e que ainda não yiram a "lagoa misterio", não se esqueçam de lá ir, quando passarem pela Caldeira de Santo Cristo.



"OS MONTANHEIROS" à entrada da Furna dos Tijolos

...E assim foi! A equipa operacional de "OS MONTANHEIROS" respondeu ao "convite" do autor da interessantíssima crónica atrás transcrita, e organizou uma expedição espeleológica à Ilha de S.Jorge, tendo como objectivo principal a visita à célebre Furna situada junto à Fajã da Caldeira de Santo Cristo (mais propriamente na Fajã dos Tijolos), não só para relembrar o episódio passado em 1936, como também para, eventualmente, proceder a explorações complementares à luz da espeleologia hodierna.

A Missão "POISOSPEL-94" teve o seu início no dia 5 de Outubro, feriado nacional, quando, pelas 07H45, e a bordo de AVIOCAR da F.A.P., os nove elementos constituintes da equipa (José Maria, Jorge Silva, Luis Vasconcelos, Luis Pimentel, José Ficher, José Manuel, José Duarte, Alfredo Moniz e Marco Ficher) partiram para o aeroporto da Urzelina, onde chegariam 30 minutos depois, após óptima viagem e sob excelentes condições climatéricas.

Seguiu-se a partida para a vila de Velas e a instalação da equipa em dependência dos Bombeiros Voluntários deste concelho, gentilmente cedida pelo respectivo Comando. O trajecto Aeroporto-Velas foi efectuado em duas etapas, já que o "jeep" que a Câmara Municipal amavelmente colocou à disposição de "OS MONTANHEIROS" não comportava todo o pessoal e carga. (A propósito, refira-se que o transporte Angra-Lajes havia sido também efectuado em viatura cedida pela Câmara Municipal de Angra).

A manhã do dia seguinte foi ocupada com contactos em Velas, a fim de se colher informações sobre grutas e algares existentes na ilha, para serem objecto de exploração, fotografia e filmagem.

Para além disso, foram tomadas em consideração notícias e dados fornecidos pelos escritos de quem outrora se debruçou sobre S.Jorge, designadamente Victor H.Forjaz/Nuno Fernandes ("Notícia Explicativa da Carta Geológica de S.Jorge",1975), José Cândido da Silveira Avellar ("Ilha de S.Jorge-Apontamentos...",1902), J.Duarte de Sousa ("Ilha de S.Jorge-Descrição...",1897), G.Zbyzewski ("Observações de F.Fouqué sobre o vulcanismo dos Açores",BNCH,1966/7), João S.Albergaria ("Corographia Açórica",1822) e ainda "Documentos" constantes do Archivo dos Açores.

A Ilha de São Jorge é a mais central do Arquipélago, gozando, por via disso, de um belíssimo panorama. O seu comprimento é de aproximadamente 60 km, sendo a máxima largura da ordem dos 6 km.

F.FOUQUÉ, sábio professor francês, visitou os Açores na 2ª metade do século XIX, e esteve em S.Jorge em 1872, publicando no ano seguinte, em Paris, um artigo sobre o vulcanismo da ilha, do qual a seguir se transcrevem alguns excertos:

"O solo sobe sensivelmente da ponta SE até à extremidade oposta, e forma uma crista, erizada de alguns cabeços, cuja altura varia entre 800 e 1000 metros. As pastagens cobrem a crista central, situada quase inteiramente na zona dos nevoeiros; a seguir, o terreno inclina suavemente de cada lado e os campos cultivados sucedem-se aos prados das alturas. As vertentes, primeiro pouco inclinadas, tornam-se abruptas quando nos aproximamos do mar. É difícil representar-se a estreiteza do planalto.. É sobretudo muito estreito na vertente norte; logo que, descendo, saímos da camada das nuvens que cobre os cimos, começamos a ouvir, as ondas rugir contra os recifes da costa.

Sem sair da região das culturas, encontramos-nos de repente a beira das arribas.

As correntes minaram a base das rochas basálticas que formam o solo, arrancaram as escórias intercaladas entre as bancadas compactas, e destruíram, a pique, as assentadas vulcânicas mais maciças. Nada protege, além disto, a costa setentrional de S.Jorge contra as ondas do oceano. A ponta NW da ilha, em particular, recebe, em cada inverno, terríveis assaltos.

NO ROTEIRO POÉTICO DA ILHA DE SÃO JORGE

FAJÃS DOS CUBRES E DE SANTO CRISTO

(...)

O passeio às caldeiras de Santo Cristo e dos Cubres, foi maravilhoso e heróico: cinco horas de chuvas torrenciais, de liberdade pura, a pé, descalço, mochila às costas, com a broa de milho, queijo e ameixas! Foi companheiro, um bom companheiro - Fernando Soares! Descida difícil pelo Norte Pequeno, com todo o panorama de abismo na vertente da montanha e o lirismo das Lagoas, e o casario espalhado pela planície. Aquela nascente de Lourdes para matar a sede, com o meu companheiro a contar lendas sobre a água e sobre o povo das fajãs...

Que melodia é o silêncio na Fajã dos Cubres! Passagem pela Fajã do Tijolo e chegada à caldeira de Santo Cristo. Na Lagoa, dois homens pescavam dentro dum pequeno barco, de chapéu de chuva aberto. Entrámos num abrigo de barcos, torcemos a roupa e almoçámos a broa. Depois, pequena volta junto à Lagoa, à fajã, visita à igreja e um diálogo com crianças! O regresso foi feito pela Ribeira dos Vimes onde tive o grande deslumbramento: costa de uma beleza extraordinária, de vegetação densíssima e água jorrando pelas várias ribeiras, com cascatas e moinhos de água. Tomei banho na Ribeira de Baixo, junto ao moinho de água! Um banho que nada teve que ver com um banho para refrescar ou para passar tempo, pois nós estávamos completamente molhados dum chuva que nunca deixava de cair, e porque havia o perigo de não podermos atravessar a Ribeira de Cima, pois com as chuvas, estava a engrossar o caudal. No banho, junto ao moinho, entre a mú-

sica da queda de água e o silêncio dos vales, com toda aquela beleza e pujança da vegetação, tive a certeza mais uma vez fortalecida: Que generosa é a Natureza! O banho na ribeira foi de fome, sede, romance e sonata. Poema de alegria de viver, aquele poema que a Natureza dá ao homem da Paz e da Solidão! Aquele moinho, velho e escondido pela vegetação, irmão desconhecido dos moinhos de vento, tornou-me uma espécie de D. Quixote ao contrário (mas por igual idealismo), que em vez de ver gigantes para atacar às lançadas, vê gadafolos para usar como espadas! Ali, recitei um poema do "Guardador de Rebanhos" de Alberto Caeiro, que nos ensina:

"Um dia de chuva é tão belo
como um dia de sol"
"O que há é pouca gente para
dar por isso!"

A serra do Topo lá estava, intacta: verde, coberta pelas mãos da vegetação, em silêncio, de vales e vales, voada por pássaros canoros, de gado tranquilo nas pastagens, e muita melancolia.

Regressámos às Velas: Banho na bafa, enquanto a lua nascia gigante por cima da Queimada...

Em São Jorge há um mistério: um segredo de romantismo de beleza em expectativa, de silêncio de ouvir, de melancolia boa para o espírito. Em São Jorge, há um mistério, um vento próprio, um mar diferente.

São Jorge: mistério de segredos e poemas!

CARLOS FARIA

in "A UNIÃO", 10/Agosto/1965



Vendo os seus escarpados desnudados e curiosamente encurvados, pensa-se ver as ruínas de uma fortaleza incendiada. No meio das assentadas alternantes de lavas negras e de escórias avermelhadas, levantam-se filonetes verticais ou pouco inclinados que trouxeram, à luz do dia, e derramaram a matéria das antigas erupções. As condutas onde ferveram as lavas, postas a descoberto pelos estragos do mar, elevam-se, geralmente, sob

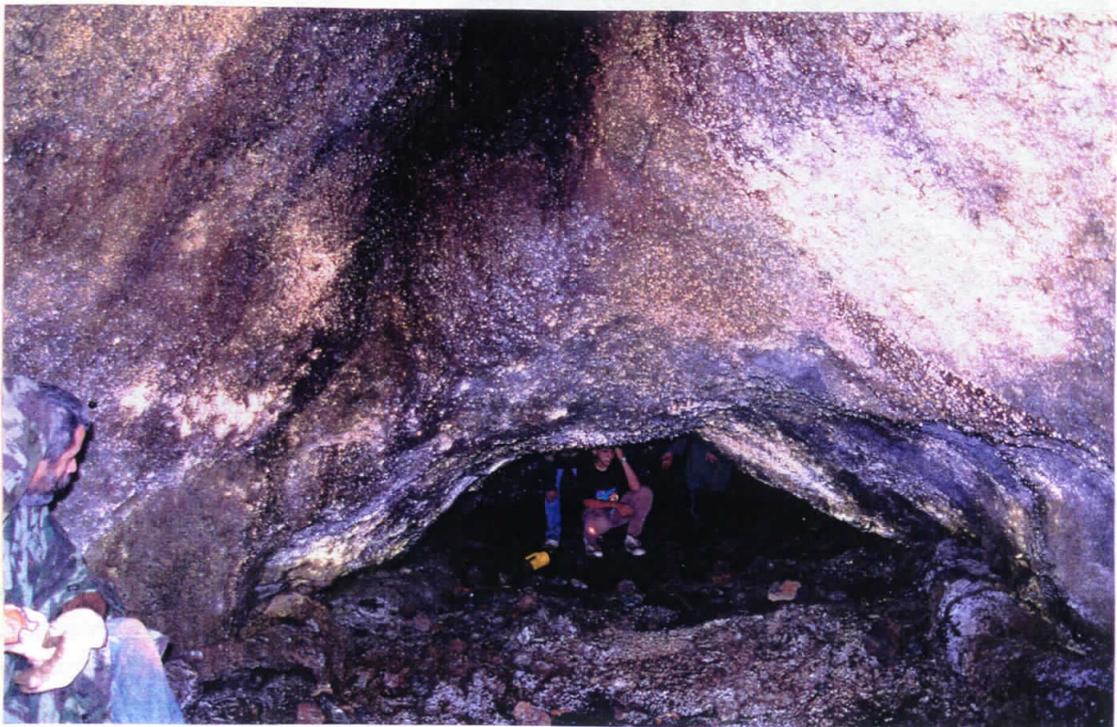
forma de faixas compridas, curiosas pela sua estreiteza e sua rectilindade. Eles incurvam-se na parte superior, e prolongam-se, a níveis diversos, com os derrames de secção horizontal. Os mais recentes cortam e, por vezes, atravessam os que pertencem a uma época anterior. O estudo daquelas intercalações, acrescentado ao exame da sobreposição das bancadas, em muitos casos, permite determinar a idade relativa das erupções cuja produção se perde na escuridão dos séculos.

A ausência das assentadas sedimentares não permite determinar, com rigor, a idade geológica. Quanto à idade absoluta, não pode ser avaliada mesmo com aproximação; no entanto, se considerarmos o grande número dos derrames sucessivos de lavas que se deram em cada ponto, na maior parte dos distritos dos Açores, e se tomarmos em consideração a pequena importância dos depósitos formados pelas erupções vulcânicas que se deram desde há quatro séculos nas mesmas regiões, pode afirmar-se que milhares de anos e talvez de séculos se passaram desde o dia em que os fogos subterrâneos fizeram aparecer, na superfície do Atlântico, o primeiro vestígio do arquipélago açoriano.

A inclinação dos filões de lavas, sempre vizinha da vertical, e a horizontalidade da secção transversal das bancadas que provêm deles, conduzem ainda a esta curiosa conclusão: que uma região, cujo solo é inteiramente devido a fenómenos vulcânicos sempre essencialmente violentos é, no conjunto, menos revolvido que muitas regiões cujos terrenos foram formados lentamente, por via sedimentar, no fundo das águas.

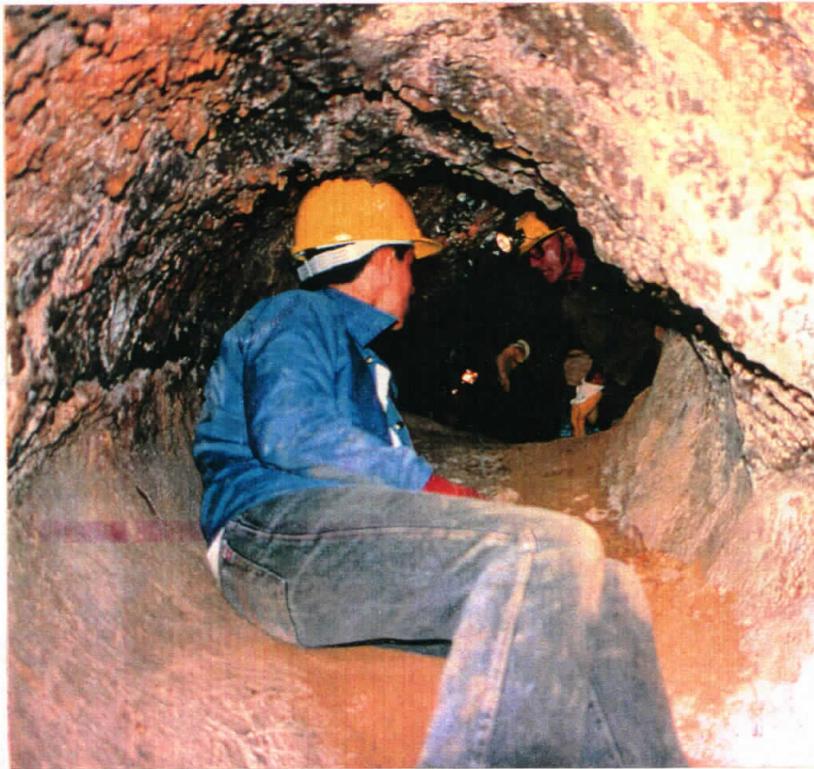
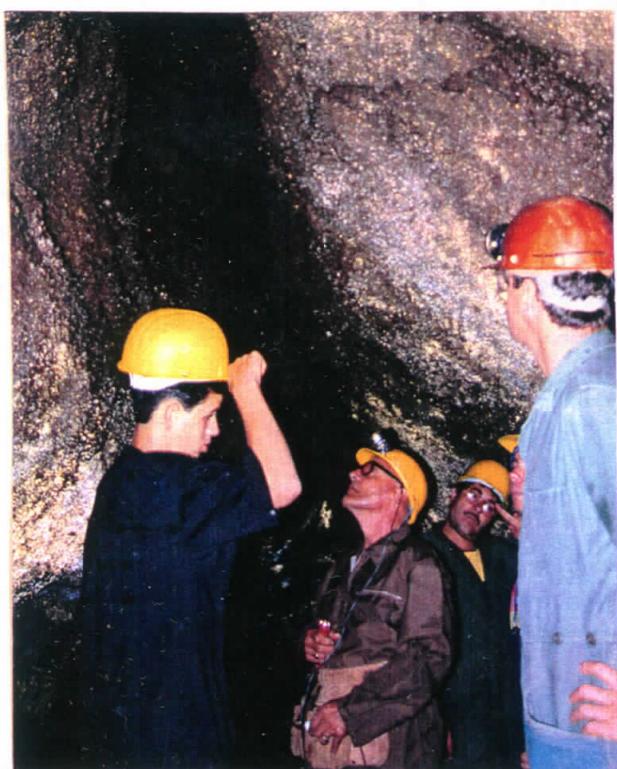
Os Açores sofreram certamente, como todas as regiões do globo, movimentos de oscilação consideráveis e é possível ver, um deles, entre outros pontos, em Santa Maria, em que as camadas de tufos ricas em conchas marinhas, foram levantadas depois da sua deposição, a uma altura relativamente grande acima do nível do mar, mas em parte nenhuma se observam vestígios de enrugamentos de camadas, de torsão, de deslocações semelhantes àquelas que se observam na maior parte das montanhas da Europa.

As explosões mais grandiosas, as que escavaram os vastos circos vulcânicos da região, modificaram apenas a disposição das rochas nas vizinhanças do local que foi directamente o ponto central do fenómeno. Elas agiram como um amontoado daquelas pólvoras explosivas, de nova fabricação, cuja acção enérgica não se propaga além dos pontos imediatamente em contacto.



Na Gruta do Norte Pequeno...

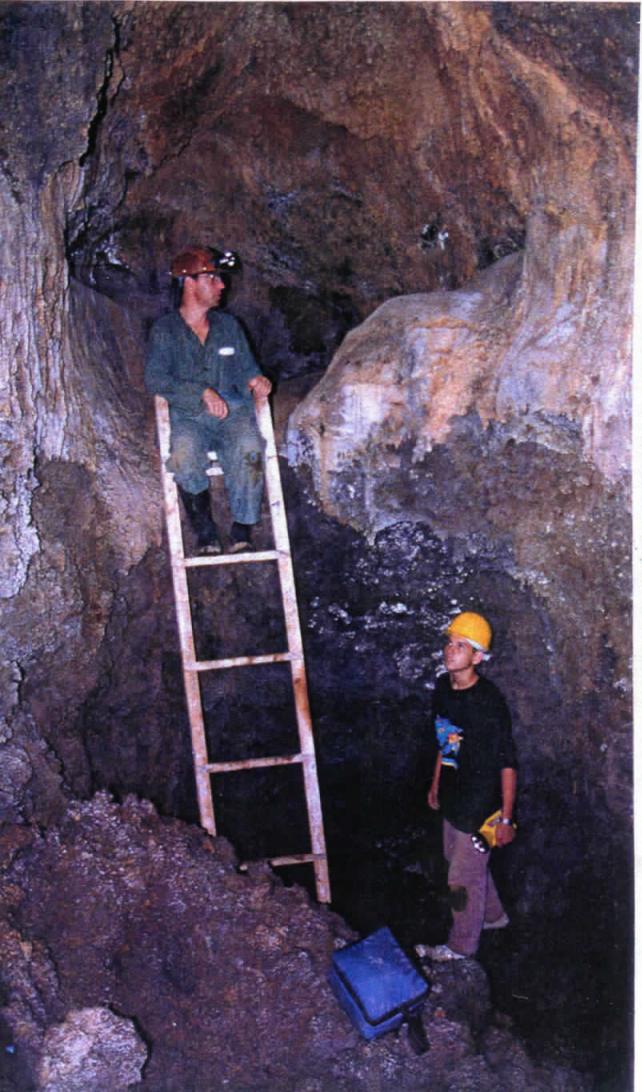
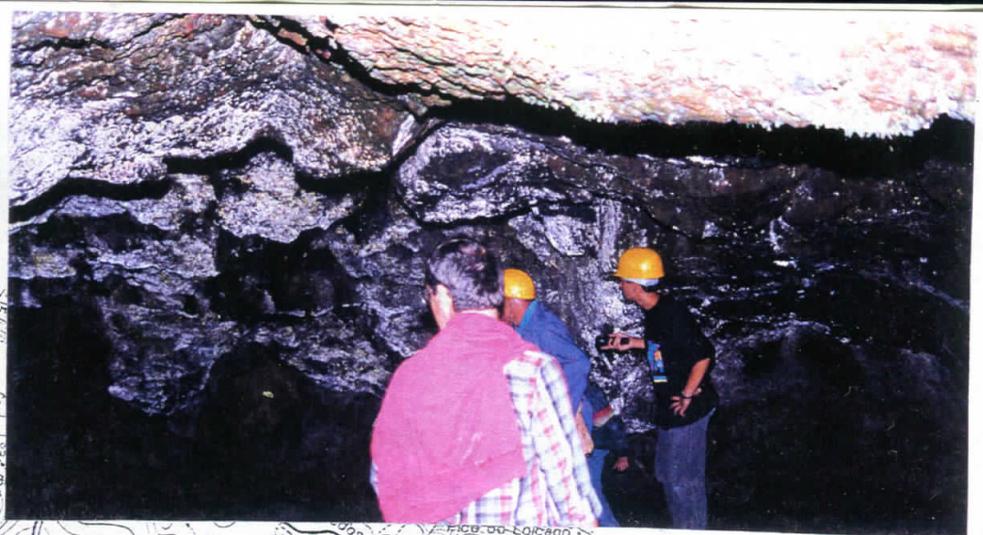
A direita: a lagoa do Pico da Esperança, o ponto mais elevado de São Jorge. Em baixo, à esquerda: no interior da Gruta do Norte Pequeno. Em baixo, à direita: explorando a Gruta da Ribeira do Almeida, nas proximidades de Velas, e resultante da erupção de 1580

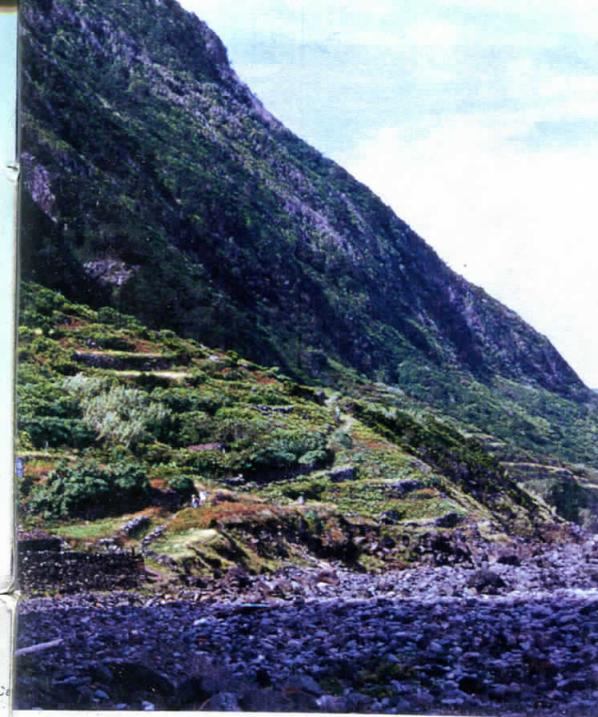


As lavas de S.Jorge são geralmente muito densas e de cor escura, por vezes cavernosas, outras vezes compactas ou muito cristalinas. Como todas as lavas basálticas, elas possuem no momento do seu derrame uma grande fluidez, mas, ao mesmo tempo, elas eram dotadas de uma plasticidade que lhes permitiu moldar-se em todos os acidentes do terreno e solidificar-se em vertentes muito inclinadas.

Saídas mais frequentemente das proximidades da crista central da ilha, correram até ao bordo das arribas, que transpuseram em cascatas incandescentes, e no sopé das quais deram lugar à formação de promontórios rochosos pouco elevados.

Não existe em S.jorge um cone central como no Pico. Não se veem também nenhuma crateras de afundimento como as que se encontram, com o nome de caldeiras, na maior parte das outras ilhas do Arquipélago; mas o foco vulcânico subterrâneo não parece por isso menos activo, nem menos potente."

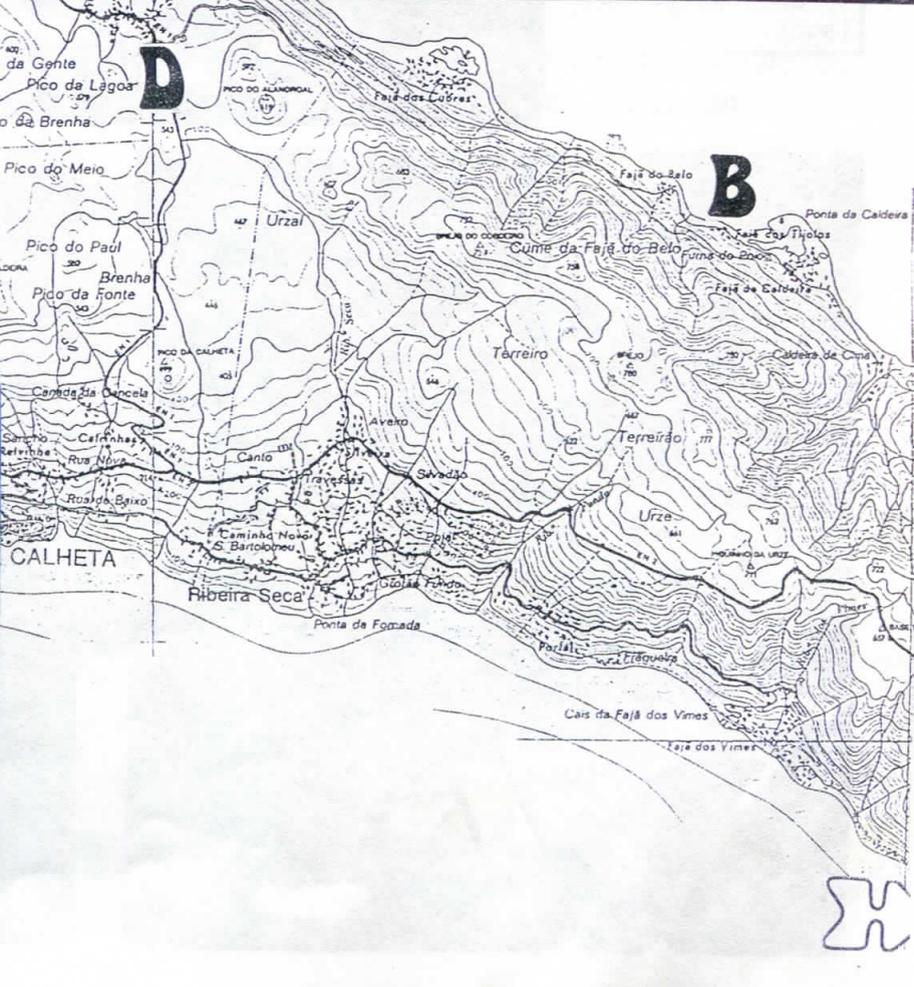
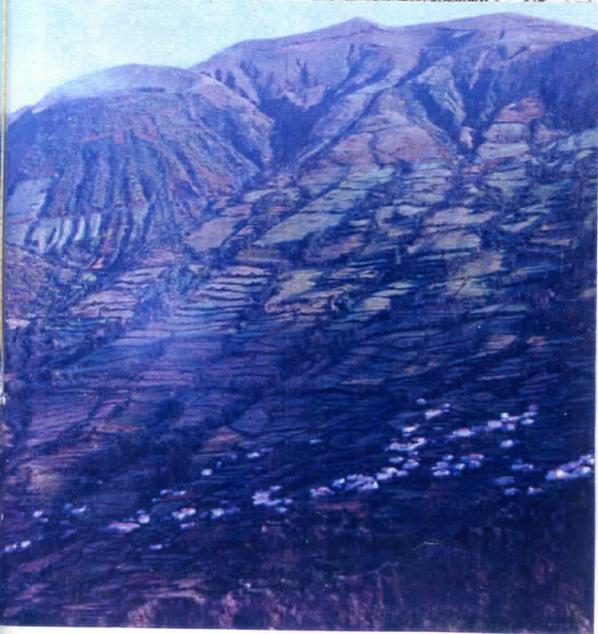




POISOSPEL

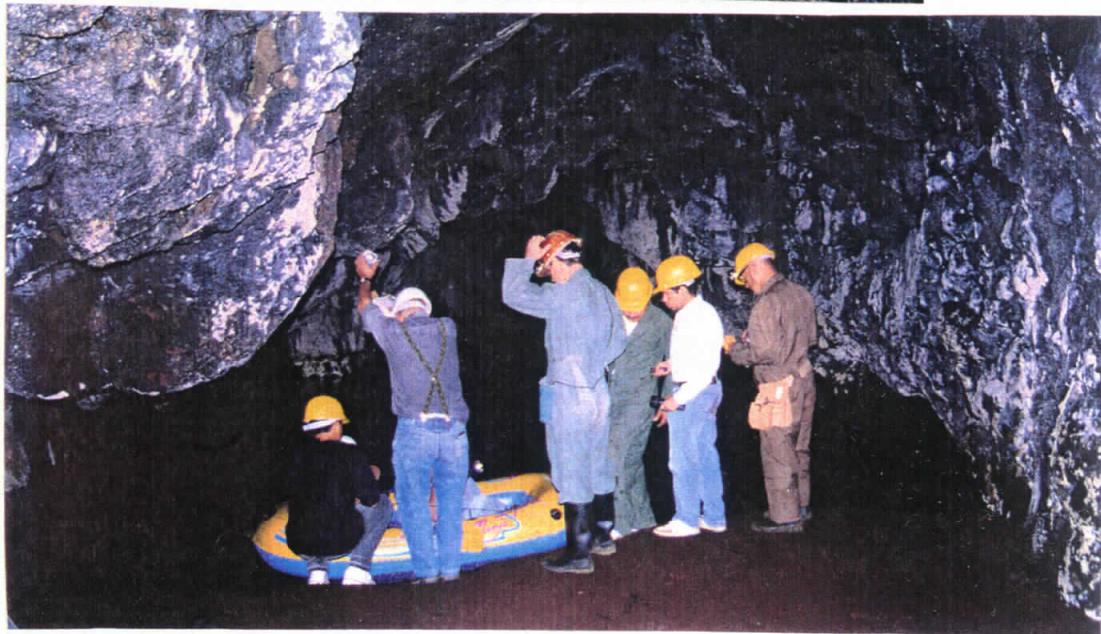
1994

S. Jorge





"OS MONTANHEIROS"
no interior da
Furna da Fajã dos
Tijolos. Em cima:
na rampa de aces-
so ao exterior. A
direita, e em bai-
xo (à esquerda): na
margem da "lagoa
mistério". Em bai-
xo, à direita: o
arco que separa
as duas salas da
lagoa.



Pouco passava das 14H00 do dia 5 de Outubro quando a equipa de "OS MONTANHEIROS" meteu mãos à obra, saindo da vila de Velas rumo à freguesia de Rosais, onde se dizia situar-se a Gruta dos Encantados

Pelo condutor de uma das nossas viaturas foi-nos indicada a eventual localização da gruta. Todavia, trata-se tão somente de uma simples caverna de 4 a 5 metros, sem significado especial. Mais adiante, no Parque Florestal das Sete Fontes, fomos informados do local mais ou menos exacto onde se situaria a referida gruta, e que seria na área da Achada, para onde nos dirigimos em companhia do senhor Daniel Bett que nos levou até à entrada da GRUTA DOS ENCANTADOS (A - no Mapa). Trata-se de uma cavidade lávica de pouco interesse, com cerca de 25m de comprimento por 7 a 9m de largura. Tiraram-se algumas fotos para arquivo, bem como se fizeram filmagens de exteriores.

Daqui se seguiu até ao Farol de Rosais, podendo notar-se o estado lastimável em que se encontram as respectivas instalações, ora abandonadas já que seriamente danificadas pela sismicidade frequente em S.Jorge, e designadamente o sismo de 1980 que deixou inclusive marcas no terreno, protagonizadas por fendas na estrutura geológica.

Rumou-se depois para o Miradouro do Pico da Velha, onde se fez curta paragem para contemplação da paisagem. De seguida, passou-se na Gruta da Beira, com visita rápida, já que este tubo lávico, de apreciáveis dimensões, já fora objecto de exploração, fotografia e filmagem em anterior expedição. Localiza-se na área da "Eira do Vento", freguesia da Beira.

Seguiu-se depois para a Urzelina, a fim de se colherem informações sobre 3 algares situados a NW do Pico de Maria Pires (conforme refere a "Notícia Explicativa da Carta de S.Jorge"). Na voz popular, o pico é designado de "Margarida Pires", conforme nos informou um dos proprietários dos terrenos dessa área. Outro indivíduo, também contactado, disse conhecer a localização dos referidos algares, mas apenas se mostrou com disponibilidade para no-los indicar no domingo, dia 9.

Como a hora já era tardia, acabaram os trabalhos deste primeiro dia de expedição que, como é óbvio, não ofereceram resultados práticos, apenas indicações a aproveitar nos dias subsequentes.

O dia 6, quinta-feira, foi destinado à visita à Furna da Caldeira de Santo Cristo, ou, mais concretamente, a FURNA DOS TIJOLOS, por se situar na fajã do mesmo nome, contígua à Caldeira (B - no Mapa).



No porto da Urzelina, com a Furna das Pombas ao fundo



A caminho da Caldeira de Santo Cristo

Partiu-se de Velas pouco depois das 09H00, em duas viaturas: uma carrinha dos Serviços de Desenvolvimento Agrário (conduzida por Salvador Dias) e o "jeep" da Câmara Municipal (com condução a cargo de Carlos Nunes, por sinal natural da Fajã da Caldeira). A estrada termina na Fajã dos Cubres, sendo o restante percurso até à Fajã de Santo Cristo feito a pé, através de um atalho de cerca de 4 km de extensão (ao sobe e desce), talhado na vertente inferior da encosta.

É um trajecto singular, de considerável extensão, e de um bucolismo a toda a prova, por onde transitam todos os que vivem na Fajã da Caldeira e também aqueles que pretendem visitar a famosa fajã das ameijoas. A nossa equipa teve oportunidade de, nesse percurso, se cruzar com um indivíduo já idoso, montado em seu burro, bem como uma idosa senhora residente na fajã da Caldeira que, calma e pachorrentamente, se dirigia para a Fajã dos Cubres, refugiando-se da calmaria com um colorido guarda-sol, percurso que, ao que referiu, costuma fazer duas vezes ao mês. Já na Fajã dos Tijolos, encontraríamos mais um viajante, acompanhado de dois burros que, ao que parece, é o meio de transporte possível e ideal nesta recôndita zona de São Jorge.

Na Fajã dos Cubres existe uma grande lagoa de água salgada, onde se costuma pescar camarão miúdo, usado especialmente para a pesca da garoupa. O nome desta fajã deriva de uma planta, com propriedades medicinais, o "cubre", que dá flor amarela.

Quanto à Fajã da Caldeira é talvez a mais bela e pitoresca da ilha, onde existe, junto ao mar, uma extensa lagoa de água salgada, onde criam nas suas margens de pedra miúda, saborosas e apetecidas ameijoas, único local dos Açores onde elas existem. Nesta fajã existe uma ribeira, nascente de água permanente, que quase esteve na origem de um grave atentado ecológico, quiçá de consequências desastrosas: é que, nos anos 1978/79, pensou-se construir ali uma central hidro-eléctrica, para abastecimento de energia a toda a ilha e ligação ao Pico e Faial através de um cabo submarino a lançar para o efeito; começaram-se inclusivé os primeiros trabalhos para a construção de uma estrada, ligando a Fajã dos Cubres à de Santo Cristo, para depois se iniciarem as obras da hidro-eléctrica.

Felizmente, tudo não passou de intencões. O bom senso acabou por prevalecer e, hoje, a Fajã da Caldeira de Santo Cristo continua a ser um dos mais idílicos locais da terra açoreana, onde se pode gozar o prazer de uma paz incomparável.

Após estas breves notas, regressemos à nossa Missão. Eram cerca de 11H00 quando se atingiu a Fajã dos Tijolos, e se nos deparou, junto à altíssima rocha, e a pouca distância da lagoa da Caldeira, a entrada para a Furna do Poio (ou Furna dos Tijolos), um orifício com menos de 1 metro de altura e de largura, ao que se segue uma rampa, bastante inclinada e cheia de pedras, que conduz até à "lagoa mistério" evocada na crónica de 1936.

Todos os dados mencionados na referida crónica correspondem inteiramente à realidade com que deparamos. Apenas o nível da água da lagoa está mais elevado, tornando impossível a passagem do nosso barco pneumático para lá do arco da sala grande. Alguns elementos da equipa percorreram a lagoa dentro do barco, tirando-se algumas fotos e fazendo-se a filmagem possível, dada a pouca luminosidade existente e disponível.

Mas, é claro, os ditos populares de que esta furna se comunica com a Fajã dos Vimes no lado oposto da ilha, a cerca de 4 km de distância, não têm fundamento. A Furna dos Tijolos começa na fajã do mesmo nome e não tem nem mais nem menos do que as dimensões relatadas na crónica de 1936.

Concluídos os nossos trabalhos pelas 13H00, deu-se uma saltada à Fajã da Caldeira, almoçando-se junto à Lagoa das Ameijoas, e fazendo-se reportagem filmica e fotográfica para o arquivo de "OS MONTANHEIROS".

Regressados, pelo mesmo atalho, à Fajã dos Cubres, eram cerca das 16H15 quando deixámos esta fajã da Senhora de Lourdes rumo à Ribeira Seca, a fim de colher informações sobre tubos vulcânicos eventualmente existentes na vasta área desta freguesia ou nas redondezas, o que deixou boas perspectivas para o dia seguinte.

Já em Velas, e por informações prestadas pelo senhor Domingos Carolindo (que vive na Terceira e é natural de S.Jorge) a um dos elementos da nossa equipa, tivemos conhecimento da existência de um tubo de lava, situado bem perto da Vila.

Assim, na sexta-feira, dia 7, terceiro dia da expedição, rumámos então para o referido local, a Ribeira do Almeida, a fim de se procurar a entrada da referida gruta. Após porfiados esforços, dada a vegetação existente no local, conseguiu-se localizar a entrada para a gruta, a qual seria explorada até certo ponto, já que, a partir daí, se tornava necessário uma escada (C - no Mapa). Tiraram-se algumas fotos, adiando-se a restante exploração para o dia seguinte, bem como as filmagens, pois, para estas, se tornava necessário o gerador de corrente eléctrica.

Seguiu-se, então, para o Norte Pequeno, a fim de pesquisar uma gruta que nos informaram existir no princípio da recta daquela freguesia, mesmo à beira da estrada. É uma pequena gruta, da qual se tiraram algumas fotos e se fizeram filmagens de exteriores (D - no Mapa).

Estava planeada uma ida até ao Algar do Montoso e aoa Algares dos Suspiros, mas, como o tempo se apresentava de muito má cara, com chuva e nevoeiro, decidimos descer ao nível do mar e visitar a Fajã do Ouvidor, aproveitando-se para almoçar, conhecer a localidade, e fazer algumas filmagens e fotografia. Trata-se de uma das mais belas fajãs de S.Jorge (costa norte, freguesia do Norte Grande), com suas casas brancas e uma pequena mas profunda baía de água muito limpa e clara. O seu nome provém de Valério de Azevedo, que foi Ouvidor do Capitão do Donatário, e era proprietário de parte desta fajã.

Devido às más condições climatéricas, os trabalhos deste dia terminariam mais cedo do que o habitual, cerca das 15H00.

No sábado, dia 8, pelas 09H00, deu-se início às filmagens da GRUTA DA RIBEIRA DO ALMEIDA, mas, devido a inoportuno problema surgido com o gerador, apenas se filmaram cerca de 10m. Assim, aproveitou-se para proceder ao levantamento topográfico deste tubo de lava, que se inclui neste número de "PINGO DE LAVA", na rubrica "GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES".

Rumou-se, em seguida, para o porto da fajã da Urzelina, onde nos informaram existirem duas furnas: uma delas, a FURNA DA VIGIA, tem 15m de comprimento, enquanto a outra é maior, tendo cerca de 25m, não sendo mais do que duas cavidades de erosão marinha (E - no Mapa).

Durante as expedições espeleológicas de "OS MONTANHEIROS", há tempo para trabalhar, tempo para dormir e...algumas histórias para contar:

© ENCONTRO IMEDIATO DE 1º GRAU - logo no dia da chegada, o nosso "pato voador", sem se dar conta, esteve frente a frente com outro "homem do abito", o mesmo que, tempos atrás, pretendia "linchar" no velhinho Municipal angrense. Alfredo versus Honorato ou "as voltas que a vida dá!";

© O LESIONADO DAS FAJÃS - a caminhada era "duxada", os anos já pesam e...o inevitável aconteceu: o avôzinho lesionou-se num joelho, caindo em estado de fraqueza (para o que terá contribuído a água de S. Jorge) e ficou de repouso no dia seguinte. Mas, como não é homem para ficar inactivo, aproveitou o dia para estabelecer proveitosos contactos nas Velas, em favor da equipa;

© TAL QUAL VIERAM AO MUNDO - o calor apertava na fajã da Urzelina, o mar estava ali à mão de mergulhar e, sem pensarem duas vezes, o nosso "informático" e o nosso "massagista" miraram tal Paraíso e, como verdadeiros Adãos, refrescaram-se naquelas tépidas águas do estreito. Os operadores de câmeras estavam presentes...;

© CONFUSÕES DE ESPELEOLOGOS AMADORES - ...eram três e já lá haviam estado. O dia estava claro e límpido, os montes apresentavam-se perfeitamente visíveis e, um deles até era "Pelado"; o outro chamava-se "Montoso". Em qual deles ficaria o Algar? As hesitações foram tantas, a confusão foi tamanha que, quem "pagou as favas" foi inspector "Ventoinha" quando já o nevoeiro e a chuva haviam caído sobre a Serra: quando regressou da busca, mais parecia um pinguim, triste e esfomeado, apanhado por tormenta no Polo Norte!;

© SÃO JORGE - ILHA DOS AMORES - ele não quis ir; ela estava lá...em seu idílico refúgio. Amores incompreendidos? Amores perdidos? Amores interrompidos? Amores voadores? Eis uma questão a que só o Futuro responderá! Todavia, parece que nem tudo vai bem no reino da "passarada"...;

© NOITE DE TEMPORAL - chovia e ventava na noite velense...enquanto a equipa de "Os Montanheiros" era agraciada pelo senhor José Maria, comerciante local, com uma retemperadora refeição para os esforços de mais um dia de trabalho. O nosso homem da Fanfarra desforrou-se de tal modo que ficou "molhado" por tudo quanto era sítio, sentindo depois uns estranhos "calores" que quase o levaram a "despir a pele". O "fotógrafo" estava presente...

TEMPOS LIVRES



Ai!Ai!Ai.....!

FERREIRA KILAS

Depois do habitual almoço volante, desta feita tomado no calhau do mar, seguiu-se para o interior da ilha, em direcção ao ALGAR DO MONTOSO, já que o tempo se mostrava convidativo, a fim de se filmar a entrada do mesmo e, possivelmente, proceder-se à exploração dos Algarés dos Suspiros. Subiu-se até ao ponto mais elevado da ilha (Pico da Esperança, 1053m), donde se admiraram belíssimas paisagens, mas, num repente, o nevoeiro começou a cair, acompanhado de chuva miudinha, o que impediu a localização do próprio Algar do Montoso a tempo de se proceder a filmagens.. Este Algar, contrariamente à

sua designação, não fica situado no Pico do Montoso, mas sim no Morro Pelado, que lhe fica contíguo, do outro lado da estrada que sulca o interior da ilha (F - no Mapa).

Eram 18H00 quando nos dirigimos para a Gruta do Norte Pequeno, a fim de se proceder às respectivas medições: 27m de progressão fácil, terminando num rastejo com pavimento de lava "aa" com 16m, o que perfaz um total de 43 metros.

Seguidamente, passou-se na Ribeira Seca, rumo à lindíssima Fajã dos Vimes, a qual foi contemplada de meia encosta, assim como a Fajã dos Bodes.

No regresso a Velas, já a tarde caminhava para o seu final, a equipa desceu até ao porto de Manadas, onde conviveu breves minutos com a nossa colega Montanheira Odília Teixeira, no cais deste isolado, mas aprazível local da ilha de S.Jorge, onde ela gozava os últimos momentos de férias, antes do regresso ao Continente, onde presentemente estuda.

No último dia de trabalhos, domingo, 9 de Outubro, rumou-se para a Ribeira Seca, onde nos haviam informado existir um algar próximo dos Moinhos da EDA, na parte alta da freguesia. Mas, ou por informação errada, ou por já estar tapado, nada se encontrou. O mesmo viria a acontecer em relação a uma gruta na Queimada, freguesia da Urzelina, a qual foi tapada aquando dos trabalhos de terraplanagem do Aeroporto de S.Jorge.

Como "não há duas sem três", deslocámo-nos novamente à Gruta da Ribeira do Almeida, a fim de se proceder às filmagens deste interessante tubo vulcânico, originado pela erupção de 1580. Desta vez, foi possível fazer-se a filmagem, o que é caso para se dizer que "à 3ª foi de vez...".

O regresso da equipa à Terceira estava previsto para a tarde de 2ª feira, dia 10, às 15H00, pelo que, da parte da manhã desse dia aproveitou-se para subir ao Morro de Velas e descer à Baía de Entre-Morros e, por fim, atravessar o calhau para observação da FURNA DA PREGUIÇA, junto ao mar, na base do Morro, virada para o canal Pico-S.Jorge, abrigo de centenas de pombas, que debandaram o local à nossa chegada (G - no Mapa).

Já no Aeroporto, foi-nos comunicado que, devido a ventos do Norte, e a más condições climáticas na Terceira, o AVIOCAR da F.A.P. não operaria nesse dia.

Regressados ao Quartel dos Bombeiros, aproveitou-se o resto da tarde para dar uma saltada à Urzelina, em viatura cedida pelo senhor José Maria, onde se fotografou a FURNA DAS POMBAS.

À noite, três elementos da equipa deslocaram-se até às instalações da Rádio LUMENA , a pedido do radialista José Fernando, onde foi gravada entrevista, a ser transmitida no dia seguinte, e que daria conta da presença de "OS MONTANHEIROS" em S.Jorge e dos resultados da respectiva missão espeleológica.

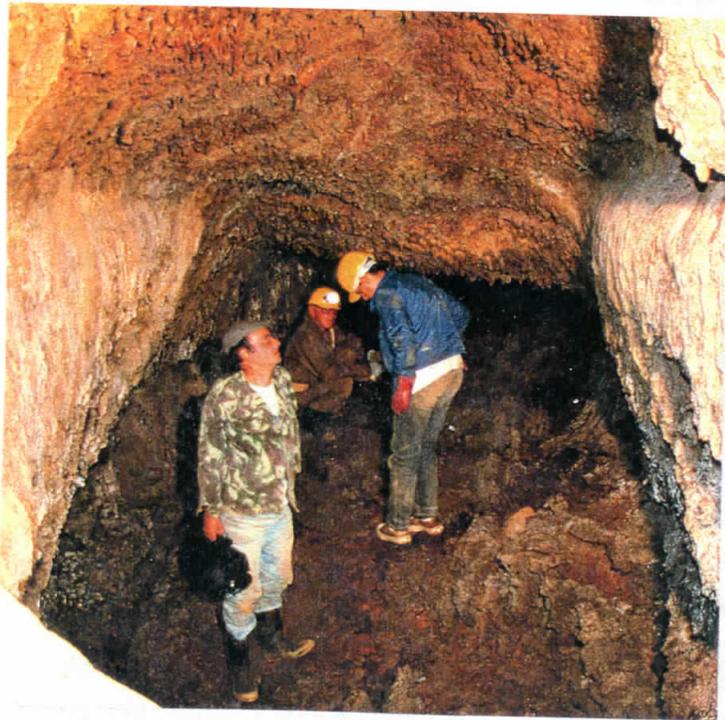
Finalmente, pelas 10H00 do dia 11, a equipa regressou ao Aeroporto das Lajes, após uma missão não totalmente conseguida, facto que se deveu a duas ordens de razões: as precárias condições atmosféricas durante os dias da expedição, e também as deficientes informações que dispúnhamos sobre a localização de tubos de lava a explorar. Foi pena não ter feito parte da equipa o Fernando Pereira, grande conhecedor desta ilha e que, em cima da hora, por motivos pessoais e particulares, não se deslocou a S.Jorge.

De salientar, também, e infelizmente por motivos de doença, a ausência do Comandante AGUIAR entre a equipa, o que a terá, de algum modo, debilitado, já que a dinâmica que ele costuma imprimir às expedições de "OS MONTANHEIROS" faz lembrar o Código Postal: "é meio caminho andado...". Fazemos votos para que o nosso Presidente se restabeleça do infortúnio que o atingiu, a fim de nos poder acompanhar em expedições futuras. Força Aguiar!

A terminar, queremos aqui deixar dois apelos:

- à população de S.Jorge, para que não entulhe grutas ou algares existentes em seus terrenos; é mais fácil vedar com arame farpado a entrada dos tubos vulcânicos, protegendo-se assim o património vulcano-espeleológico do Açores;

- às entidades competentes, para que algo se faça no sentido do aproveitamento turístico da Gruta da Beira, ou das Bocas de Santo Amaro; quanto a estas últimas, provenientes de histórica erupção, há que limpar toda a área adjacente, designadamente a grande lixeira que empesta o local, e instalar uma pequena escada de acesso a uma das "bocas", daí se transitando para as restantes.



OS NOSSOS AGRADECIMENTOS

- Câmara Municipal de Angra do Heroísmo (transporte de e para o Aeroporto das Lajes) e respectivo condutor João Henrique;
- Comando da Força Aérea Portuguesa (transporte de e para São Jorge) e respectivas tripulações do AVIOCAR: major Santos, capitão Vieira, alferes Rego, alferes Alturas, e 1ºs sargentos Cabacinho e Arede;
- Bombeiros Voluntários de Velas, designadamente ao Comandante Soares e ajudante Borba (cedência das instalações para pernoita do pessoal, e prestação de demais ajudas solicitadas);
- Câmara Municipal de Velas (viatura cedida para o tempo da expedição, e condutores Honorato, no 1º dia, e Carlos Nunes, nos restantes);
- Direcção de Serviços de Desenvolvimento Agrário de S.Jorge (viatura cedida para todo o tempo da expedição, tripulada por Salvador Dias);
- Comerciante José Maria, que nos obsequiou com jantares, colocando também à disposição da equipa uma viatura pessoal;



(IN "SELECÇÕES DO READER'S DIGEST", 1970)



Explorando o Mundo Interior

*No labirinto,
os que param onde
a razão e o instinto
mandam nunca chegam
aos lugares mais
altos e melhores*

Condensado de SPORTS ILLUSTRATED
BIL GILBERT

HÁ VINTE ANOS eu tinha uns amigos geólogos cuja paixão era a exploração de cavernas. Por causa deles, passei muito tempo procurando cavernas, entrando em cavernas, conversando com exploradores de cavernas e pensando em cavernas. Éramos uns 30 ou 40, e nos fins-de-semana havia sempre um grupo que viajava centenas de quilômetros para se arrastar, subir e escorregar pelas entranhas rochosas da serra mais próxima.

Às vezes alguém nos perguntava por que fazíamos aquilo. Tínhamos desculpas: entrávamos em cavernas para mapear novas passagens; para fotografar formações geológicas; para marcar morecos; para praticar subida por meio de corda. Mas eram fantasias para sossegar espôsas e patrões. A razão verdadeira era a busca de uma das mais antigas emoções da vida: a emoção do perigo. Ela vem da decisão espontânea de fazer



alguma coisa absolutamente desnecessária — escalar um rochedo, saltar de um avião, dirigir um carro a 290 km/h ou, no nosso caso, arrastar-se por baixo de montanhas. A gente faz isso até que a razão e o instinto mandem parar. O passo seguinte, o que vai além da razão e do instinto, é o que dá a emoção.

Com o tempo, todos nós paramos de explorar cavernas. Nossos pretextos variavam: tínhamos de levar garotos ao jardim zoológico, tínhamos de pintar a casa, fazer uma aplicação de calor nas costas, precisávamos viajar na manhã de segunda-feira. Mas por acaso o acaso de eu ser pai de meu filho entrei de novo em uma caverna no ano passado. Foi uma experiência instrutiva.

Afiando as Prêsas. Meu filho Ky tem 16 anos. Ele e dois amigos, Terry e Sid, tinham passado um bom verão ganhando dinheiro para gastar em carros, garôtas, cerveja e cigarros. Tinham colhido feno, estendido arame em cêrcas e cavado fossos. Além de dinheiro, tinham adquirido músculos. Adoravam cortar-se para ver o sangue correr, secar e formar cascões na pele. Tudo, inclusive eu, era desafio. Tinham passado o verão afiando as prêsas.

No começo do verão alguém dissera a Sid que havia uma grande caverna inexplorada — a Caverna do Poço — em uma montanha uns 30 quilômetros a oeste. Por terem ouvido falar das minhas histórias de exploração de cavernas e por quererem, como eu disse, experimentar tudo, perguntaram-me se poderiam explorar essa caverna.

Um dia destes vamos lá dar uma olhadela — respondi.

No estado de ânimo e na situação em que eles se encontravam, gastaram muita saliva se jactando de que iam enfiar capacetes com lanternas de carbureto e desafiar a morte nas entranhas da terra. E toda a vez que diziam alguma coisa, aumentavam um pouco a pressão sobre mim.

Está certo — disse eu. Iremos amanhã cedo.

Até aonde iremos?

— Até ao fim. Se fôr uma hora, será uma hora. Se forem dois dias, serão dois dias. Levem umas barras de chocolate nas mochilas.

Havia nas minhas palavras um belo tom de arrôjo. E com isso eu lhes dei um poste bem grosso para eles afiarem os chifres.

No Coração das Trevas. Na exploração de cavernas, num momento a gente está no meio do capim, dos borrachudos e do sol; no momento seguinte está sepultado em pedras e trevas. O ar é frio (13° o ano todo nesta parte do mundo) e parado. Nada cresce ou vive ali a não ser nós e nossos companheiros. Cada um acende a lanterna de carbureto prêsa ao capacete e ajusta a chama. Juntos, estamos absolutamente sós em uma pequenina mancha de luz.

A Caverna do Poço era o que tecnicamente se chama de gruta de drenagem, formada por um curso de água subterrâneo que corre sobre o calcário. A primeira centena de metros foi fácil, havia passagem da altura de um homem acima do leito sujo do antigo riacho. Mas depois o túnel acabava bruscamente em uma abertura em forma de silo de uns seis metros de altura por menos de dois de largura, com dois metros de água no fundo. Do outro lado do silo a passagem principal parecia continuar, uma fenda de um metro de largura penetrando fundo na rocha. O fundo dessa fenda desaparecia na água abaixo de nós. Mas havia na parede esquerda da fenda um ressalto horizontal que parecia suficientemente largo para nos dar passagem, se chegássemos a ele. Pensei em nadar, mas pareceu-me cedo demais para ficarmos frios e molhados.

Só havia um lugar para passarmos o silo a pé enxuto. Um promontório de calcário em aclave estendia-se por cima da água, a uns 30 centímetros de onde estávamos. Do outro lado, na face oposta do silo, havia um nichozinho que poderia servir de apoio para a mão. Acima do nicho havia um buraco aparentemente grande para permitir a passagem de uma pessoa rastejando. Pensei que, avançando de lado pela rocha inclinada, depois pendendo (isto é, caindo) para o outro lado do poço, talvez pudéssemos agarrar o nicho com as duas mãos, respirar um instante arqueados por cima da água, depois esticar a mão direita para cima, segurar a borda do buraco e erguer o corpo.

A manobra apresentava uma certa dificuldade, mas não era perigosa. Na pior hipótese, tomaríamos um banho frio.

Tudo saiu mais fácil do que eu esperava. Em poucos minutos, com algum esforço, todos atravessamos. Aí apaguei a minha lanterna e disse

aos rapazes que fizessem o mesmo. Elas se apagaram com um chiado comprido. A gente encontra coisas curiosas numa caverna — vitórias-régias fossilizadas, arcos de catedral, sólidas colunas, tubos de órgão — mas o que mais impressiona em qualquer caverna é a escuridão total. Ali só existe o que está dentro de nós.

Febre das Cavernas. Depois de algum tempo acendemos as lanternas de carbureto e começamos a descer pelo ressalto. Dêste lado do silo o corte que nos levava de volta à rocha ia estreitando e aprofundando, tornando-se depois de certo tempo um *canyon* em miniatura de mais de 20 metros de profundidade. O fundo da passagem estava cheio de água, mas era estreito para nadarmos por ele, e a água muito funda para atravessarmos a pé.

O único meio de prosseguirmos era pelo alto da fenda. Ressaltos aqui e ali ao longo do paredão permitiam passagem para andar ou rastejar, mas o mais freqüente era “fazer chaminé”. Fazer chaminé é firmar os ombros e as costas numa parede da caverna, os pés ou joelhos na outra e avançar mudando o peso do corpo de um ponto de apoio para o seguinte. Basta um pouco desse exercício para esfolar os pontos de contato do corpo, e depois dos primeiros 50 metros todos estávamos sangrando em vários lugares.

Fomos avançando e subindo gradualmente, às vezes pendurados seis a dez metros acima da água, eu na frente. Era mais fácil para mim do que para os rapazes. Tratando-se de uma experiência nova e assustadora, eles lutavam contra as paredes, aplicando força desnecessariamente.

Seguimos pela estreita fenda uns 400 metros e subitamente ela acabou em outra câmara em forma de silo, muitas vezes maior que a anterior. A sala circular tinha uns 25 metros de altura por nove de largura, com uns três metros de água parada, transparente e clara no fundo.

— Tem um lugar formidável aqui em cima — gritei, não para animar ou atizar os rapazes, mas porque era mesmo um lugar formidável.

Como o nicho onde eu estava, três metros acima da água, só tinha pontos de apoio para mãos e pés para duas pessoas, eu disse a Sid para subir primeiro. Ele olhou rapidamente o silo em torno, mas a sua preocupação no momento era a sobrevivência, não o cenário.

—Nós vamos atravessar aqui? indagou êle calmamente.

Do lado oposto da grande piscina vi uma fenda que parecia o prolongamento da que estávamos seguindo, encimada por um buraco na parede do silo.

—Eu disse a vocês que iríamos até ao fim—lembrei.

Aquela formação espetacular acordava em mim a antiga febre das cavernas.

—Certo—disse Sid.—Mas como? —Nadando.

Lugar no Alto. Avisei Ky e Terry, e dei-lhes instruções para entrarem de mansinho na água—nada de pular ou mergulhar, isso apagaria as lanternas. Desci em chaminé, chegando o mais perto possível da água, e saí nadando como rã. A água estava fria de tirar o fôlego. Quando me arrastei para fora do lado oposto, levei uns minutos para poder falar. Quando Sid entrou na água, gritou de surpresa e dor. Terry veio com menos agitação. Ky, impaciente, pulou antes da hora, e de muito alto, e afundou. A lanterna dêle apagou-se instantaneamente. Êle gritou ao voltar à tona, mexendo as pernas para manter-se na vertical, e atravessou o lago.

De pé no ressalto, procuramos reacender a lanterna de Ky. Era difícil ver por causa do vapor que saía das nossas roupas, e a nossa tremedeira dificultava o trabalho de abrir e recarregar a lanterna.

—Estamos mal—disse Sid batendo os dentes.

Comecei a subir pelo buraco, um túnel de uns três ou quatro metros de largura, e saí numa sala de teto baixo, de uns 12 metros de lado. Os rapazes logo chegaram também.

A sala era o fim da Caverna do Poço. Exploramo-la, mas o teto sempre descia até ao chão. Não havia outra saída, e voltamos por onde viéramos.

—A volta vai ser mais difícil—disse Sid numa voz indiferente quando chegamos à beira do poço.

Lama, Suor e Sangue. De repente notei os rapazes, pensei onde êles estavam, no que estavam fazendo. Estavam brancos, cansados, desanimados. Parados ali, tremiam de frio. Êles tinham, aos 16 anos, explorado uma caverna mais difícil do que qualquer outra que eu explorara, com mais idade, e mesmo assim só depois de ter vencido meia dúzia de outras mais fáceis. Olhando-os, per-

cebi que estavam ouvindo a razão e o instinto, que lhes diziam que tinham ido longe demais.

—Bolas—exclamei, procurando mostrar despreocupação—a água agora já não parecerá tão fria. Não podemos ficar mais gelados do que já estamos.

Era verdade. A água não pareceu tão fria na segunda vez, mas a fadiga já vinha chegando. Debati-me de um lado para o outro, procurando em vão um apoio para a mão na parede do silo. Estendi os braços em cima na rocha, descansando e pensando que, se ficássemos ali mais cinco minutos, estaríamos atrapalhados. Nadei para a fenda e quase imediatamente encontrei embaixo da água um ressalto suficientemente largo para me apoiar. O alívio de encontrar apoio para o pé quando e onde a gente precisa é um dos momentos mais agradáveis na exploração de cavernas.

—Não há problema—gritei, e falei-lhes do apoio para o pé.

Ky veio primeiro. Êle só conseguiu segurar um pedaço do ressalto na primeira tentativa, começou a içar-se, escorregou para o lado e caiu. Zangado, tentou e caiu uma segunda vez. Na terceira subiu para a rocha com o rosto, o pescoço e os ombros retesados pelo esforço de se dominar. Terry e Sid seguiram-no sem dificuldade. Foi um bom sinal. Estavam com bastante vontade de voltar. Agora era só uma questão de força.

De volta através da fresta, eu mantinha-me perto dêles, falava calmo, subia procurando aparentar tranquilidade. Quanto mais avançávamos, mais devagar êles subiam e mais escorregavam. Quando estávamos a uns 50 metros do fim da fenda, a perna direita de Ky escorregou para fora da parede e ficou pendurada, tremendo num espasmo incontrolável. Desci um pouco abaixo dêle e coloquei uma perna atravessada sob a dêle, pensando que poderia agüentá-lo um ou dois segundos com a minha coxa.

—Eu não... Eu... —soluçou Ky olhando para baixo.

Eu sabia o que êle queria dizer: "Estou caindo. Socorro!" Mas tive esperança de que não precisasse dizê-lo.

—Incline-se para a frente e aperte a cabeça contra a parede, empurre com o traseiro. Se você deixar a perna direita cair um pouquinho, encontra um lugar para apoiá-la até parar de tremer.

Êle fêz isso sôzinho, não tendo de pedir socorro, e ficou ali pendurado, ofegante. Depois de algum tempo experimentou a perna contra a parede e viu que podia controlá-la. Olhou para cima e esboçou um sorriso. Tinha lama, suor e sangue no rosto. Sua aparência era terrível, mas a voz soava melhor, depois que passara um lugar que julgara não poder vencer.

Quando chegamos ao primeiro poço, aquêle que nos dera tanta preocupação na ida, nem sequer paramos. Pulamos na água e nadamos tranquilamente como se estivéssemos fazendo exercício no ginásio, apesar de já estarmos quatro horas embaixo da terra. Dali em diante os meninos praticamente desceram aos trancos até à última passagem aberta. "Pronto!", ouvi Terry berrar.

Só há uma coisa nessa altura que faz qualquer pessoa gritar—o primeiro clarão de luz.

O Labirinto Interior. No carro os rapazes ficaram calados, mas quando chegamos em casa já falavam alto. Naquela noite os três foram a uma festa, onde estou certo de que tiraram completo proveito do que tinham feito. Quanto a mim, fui para a cama e por algum tempo gozei as minhas dores e a minha fadiga como se goza o encontro com um velho amigo que não se via há muitos anos.

Tudo isto justifica a exploração da Caverna do Poço. Mas não explica por que valeu o risco desnecessário para os rapazes.

Em certo sentido todos nós somos cavernas. Nossos interiores são escuros, confusos e velhos labirintos, difíceis e às vezes perigosos de penetrar, mas freqüentemente apresentam panoramas inesperados e espetaculares. Em qualquer gênero de labirinto, os que obediamente param onde a razão e o instinto lhes ordenam que parem, nunca chegam aos lugares mais altos e melhores. Inevitavelmente se sentirão atormentados pela existência de regiões inexploradas, condenados a uma sina pior do que o risco, à vergonha de saber que são menos do que poderiam ter sido, mais rasos do que poderiam ser.

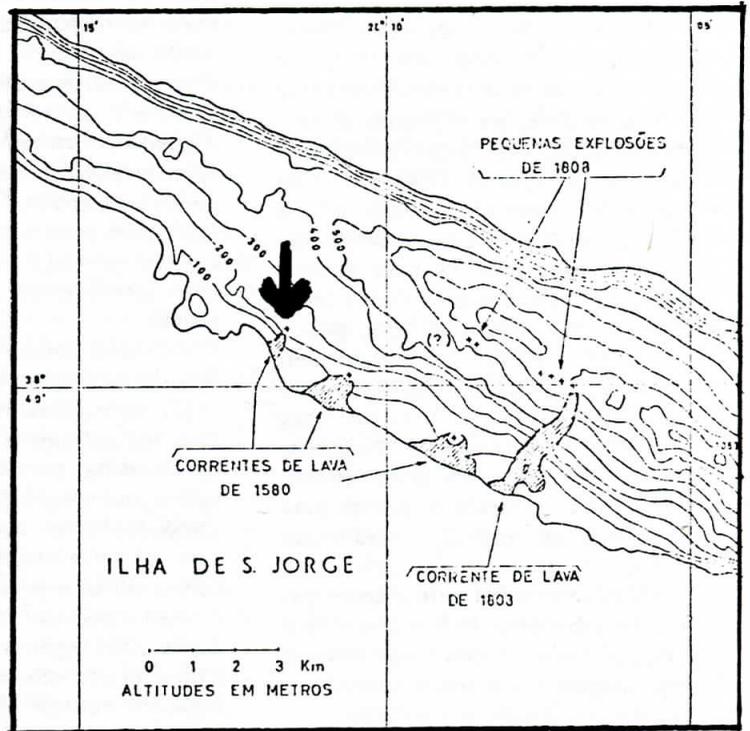
Creio que os três rapazes aprenderam algumas destas coisas na Caverna do Poço, e que êles mesmos são cavernas maiores do que anteriormente supunham ser.

GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (28)

- ILHA DE SÃO JORGE -

GRUTA DA RIBEIRA DO ALMEIDA

(esquema extraído da revista Atlântida, 1962, "Erupções Históricas do Sistema Faial -Pico-S.Jorge", F.Machado)



As ilhas dos Açores, regiões vulcânicas por excelência, têm sido alvo, durante a História, de diversas erupções, algumas das quais já depois do povoamento e colonização das mesmas, e que provocaram, naturalmente, estragos de ordem material e, também, algumas mortes.

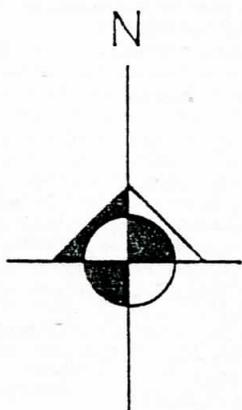
Mas, por outro lado, essas erupções deixaram vestígios no terreno, benéficos para quem, nos nossos dias, se dedica a descrever a história açoreana, sob os pontos de vista geológico e estrutural.

Um destes vestígios foi agora explorado por "OS MONTANHEIROS", durante a expedição espeleológica "POISOSPEL-94", precisamente a GRUTA DA RIBEIRA DO ALMEIDA.

Trata-se de um tubo lávico com 414 anos de formação, já que é proveniente da erupção de 1580, descrita nas "SAUDADES DA TERRA" pelo dr Gaspar Frutuoso, e que eclodiu na vertente sul da ilha, na freguesia de Santo Amaro.

A entrada para este tubo de lava faz-se, a jusante, e está localizada a cerca de 20 metros da estrada Velas-Calheta, a 500 metros do Miradouro da Vila, na margem direita da Ribeira do Almeida.

PLANTA
Esc. 1:200



OS MONTANHEIROS

Gruta da Ribeira do Almeida

VELAS · S. JORGE · AÇORES

Topografia: José Maria
Luís Vasconcelos

08 Outubro 1994

A

3

"A freguesia de Santo Amaro - diz José Cândido da Silveira Avellar (Ilha de S. Jorge, Apontamentos para a sua História, 1902) - fica situada a 3 km da Vila das Velas e era antigamente denominada Santo Amaro do Almeida, apelido este tomado de Jácome Gonçalves de Almeida, ouvidor que foi do capitão do donatário, e que viveu nesta freguesia entre os séculos XVI e XVII.

Esta freguesia é atravessada pela Ribeira do Almeida, que, passando junto à igreja, desagua pela rocha em frente às Velas, tendo as obras públicas construído em 1867 uma grande ponte no sítio do Almeida, de que toma o nome, e de cujo lugar segue para a povoação uma estrada municipal aberta pela Câmara em 1884, ideia que em 1875 manifestou o dr João Teixeira Soares, que para esse fim cedeu gratuitamente ao concelho parte de uma propriedade."

A erupção que gra nos interessa, teve lugar no 1º de Junho de 1580, com a emissão de lavas a dar-se junto à Ribeira do Almeida, e que formou o tubo vulcânico de que estamos tratando, situado na freguesia de Santo Amaro.

ANNO DE 1580

ERUPÇÃO NA ILHA DE S. JORGE

De um espantoso terremoto que ali aconteceu.

A 28 do mez d'Abril da era de 1580 aconteceu tremer a terra aquella noite 30 vezes e ao outro dia 50, e ao terceiro dia outras tantas, no qual em um lugar que se chama a Fajã de Estevam da Silveira arrebentou o fogo em duas boccas menos de meia legoa da villa, deitando de si grandes pedras e pequenas, com tanta furia e força, tão altas que os olhos as perdiam de vista, as quaes, se tornaram a cahir na ilha se perdera toda e matára a gente e gado, tremendo sempre a terra que se abria em greñas, derribando valados e cahindo casas no campo donde correram duas ribeiras de fogo, uma das quaes foi direita cahir no mar por uma rocha abaixo que cerca o porto da villa das Velas, correndo por espaço de meio dia, que foi o primeiro de Maio pela manhã, e no mesmo dia quebrou parte d'aquella rocha, por onde cahia esta ribeira, que tomando pôsse do mar fez um caos n'elle da mesma ribeira, que resfriando se tornou pedra, de que a gente da villa tomou tanto temor, que começaram a fugir uns pela terra dentro, outros para as egrejas, donde os padres da villa começaram a fazer procissões, chorando homens e mulheres, e meninos, pedindo a Deus misericórdia com grandes gritos; e algumas mulheres prenhas morriam de medo. D'ali a espaço de seis horas arrebentou o fogo em outro pico, sobre as vinhas, que chamam as Queimadas, as quaes eram remedio d'aquella ilha, por que não tinham outras lavouras se não aquellas, e d'ali se vendiam cada um anno 1:500 pipas de vinho, mas parte das melhores dellas, abraçada, e subvertida com este fogo que correu por espaço de dois dias, feito polme que depois de resfriado se tornou pedra; e depois se abriu outra bocca onde se chama a ribeira do Nabo, 3 legoas da villa das Velas, e ali fez muito estrago nas vinhas e correu um pico mui alto da serra ao mar uma legoa por um baixo, e fresco valle de até 100 moios de vinhas, alagando-o, de maneira que ficou o baixo alto como o pico, e o pico tão baixo que lhe não apparece o fundo. Correndo assim estas e outras ribeiras, que por todas eram cinco cobriram de vinhas legoa e meia, e de terras de pastos tres legoas, e de gado morreriam mais de quatro mil rezes vaccum, ovelhum, cabruin, por razão das hervas e matos que se seccaram sem ter que comer; morreram tambem todas as abelhas sem ficar nenhuma, umas ficando acravadas debaixo do biscoito e cinzeiro, outras por lhe faltar a comida e muito peor fôra se não ventára então o tempo de leste ou sudoeste que botava o cinzeiro para sobre os matos, e guardava as searas que ficavam á parte de sueste onde se chama Rozaes, mas contudo ainda que a villa ficava á mesma parte de sueste era tanto o cinzeiro que cahia, que não ousavam as pessoas sahir fora das egrejas, por que como sahiam a cinza os afogava, e era tanta que já ao cabo de 3 dias não podiam abrir as portas atupidas com ella. Durou este terremoto por espaço de 4 mezes, sempre rijo e furioso, cada vez mais bravo. Havia n'aquellas vinhas que se perderam até trezentas adegas com suas torres sobradadas que os donos d'ellas tinham mais lustrozas e custozas que as casas da villa, que só eram terreas; e destas adegas todas ficaram dez ou doze, e as mais nunca appareceram. Dizem que com este fogo se perderam fazendas assim de vinhos como de terras de pão e cazaria, que valeriam cento e cincoenta mil cruzados, e por onde correu, perpetuamente haverá nada, pelo que ainda que os moradores da terra eram dantes pobres por as mais fazendas terem os senhores no reino, e em outras par-

tes, ficando então mais pobres sem a grangearia dellas; e vendo que o fogo não cessava, fugiram com o medo do terremoto, que espantava a todos, d'algum porto da ilha, mas da villa das Velas não deixaram os juizes embarcar ninguem até não verem em que parava, esperando que cessaria aquella furia, mandando todavia buscar alguns barcos do Fayal e da ilha do Pico, alem dos que havia na terra, os quaes todos tinham aparelhados para se acolherem, e embarcarem n'elles se sobrevesse algum maior mal e perigo.

Correndo o tempo desta maneira succedeo irem quinze homens que tinham suas pobrezaas em uma casa no cabo d'aquellas vinhas buscar em um batel por mar, perto do qual a casa estava, alguma cousa que podessem salvar, e ficando alguns no batel sahiram os outros em terra, e entrando na casa, se poz uma nuvem sobre ella, e sahindo um de dentro a ver aquella sombra, como vio a nuvem começou a correr para o barco, sem o alcançar mais que o ar da nuvem, que o crestou todo, e lhe cahiu depois o couro de todo o corpo. Os que ficaram na casa se queimaram todos sem nunca mais apparecerem, nem elles nem a casa, que tambem se queimou. Vendo então a gente da terra que as nuvens os queimavam, se embarcou a maior parte d'ella para as outras ilhas até que socegou aquella furia de fogo, que ardeu muito tempo depois n'aquella concavidade que ficou feita na terra, porque dizem que se abriram cinco boccas no pico grande da ribeira do Nabo e quatro dellas se ajuntaram em uma, onde ainda ferve o fogo; e a outra primeira que arrebentou ficou apartada por si onde não ha já signal de fogo: e d'ellas sahio tambem terra que cahiu sobre a ilha e fez em algumas partes d'ella grandes neiteiros, na qual semeando depois trigo nascia mas não se lograva nem dava fructo, por causa da queadura que o murchava.

Quando aconteceu este terremoto dizem que se acharam só na villa das Velas 40 querelas dadas uns dos outros e as mais d'ellas falsas, e continuamente ali havia olhos e nunca tinham paz; pelo que dizem permittir Deos que houvesse aquella castigo e ameaça para se emendarem: os quaes vendo a ira do Senhor estar sobre suas cabeças, elles mesmos se accusavam, indo a casa dos escrivães onde rompiam os papeis que tinham feitos uns contra os outros, sem ficar p.^{ms}, (sic) feito, processo, nem papel algum de querela principalmente com a chegada do P.º Pero Freire, prégador da Companhia de Jesus, que por ordem da Obediencia foi lá mandado n'aquelle tempo, onde foi recebido como homem que ia do Céu, porque alem de levar a consolação espiritual com que os consolou e esforçou com sua doutrina, levou tambem uma boa corporal para a gente pobre de thes ou quatro freguezias que de todo ficaram perdidas: o qual ainda prouve e vio as maravilhas, e horrendos effeitos que aquelle fogo obrava, porque de 6 ou 7 boccas que arrebentaram, a maior e mais espantosa arrebentou ao tempo da sua chegada, á qual puzeram nome bocca infernal, pelos espantosos signaes e prodigios que mostrava, com que em qualquer parte da ilha que os homens estavam parecia estarem em manifesto perigo das vidas, e entre outros admiraveis effeitos que obrava um d'elles era botar pelos ares, afóra o fogo que corria ao mar por cima da terra, umas nuvens de fogo que iam estourando pelo ar de maneira que punham os homens em grande espanto e medo: porque onde estas nuvens cahiam tudo abrazavam, e levavam couro e cabelo, e uma destas queimou aos 5 homens que estavam no barco, de que houve grande duvida se escapariam. Tão queimados ficaram, e outros morreram miseravelmente indo salvar sua fazenda, como já disse. Seja o Senhor contudo louvado, e permitta elle que seja isto motivo para os peccadores que o viram, e outros que o ouviram emendarem suas vidas e costumes.

(Dr. G. Fructuoso, SAUDADES DA TERRA, L.º 6.º, Cap. 34.)

(in "ARCHIVO DOS AÇORES", Vol. II)

VULCANISMO DA QUEIMADA EM 1580

No 1º de Maio manifestou-se por diferentes bocas uma explosão vulcânica, no lombo da vertente sul da ilha, e entre as ribeiras do Nabo e do Almeida, e conhecida por vulcão da Queimada.

A 28 d'abril houve 30 abalos de terra e 50 no dia 29; e continuaram as convulsões amiudadas e fortes até ao dia da expansão que os tremores de terra recrudesceram espantosamente.

Essa immensidade de lava que ainda hoje se conhece por Queimada Brava correu de diferentes bocas todas adjacentes à cratera da Ribeira do Nabo, ao oriente da Fajã.

Perto da Ribeira do Almeida, provavelmente no sitio hoje cortado pelo Caminho Novo, onde há vestígios de crateras, houve já no 1º de junho uma emissão de lavas muito abundante, que deitou ao mar, bem como a corrente vulcânica que formou o Mysterio ou Queimada Brava.

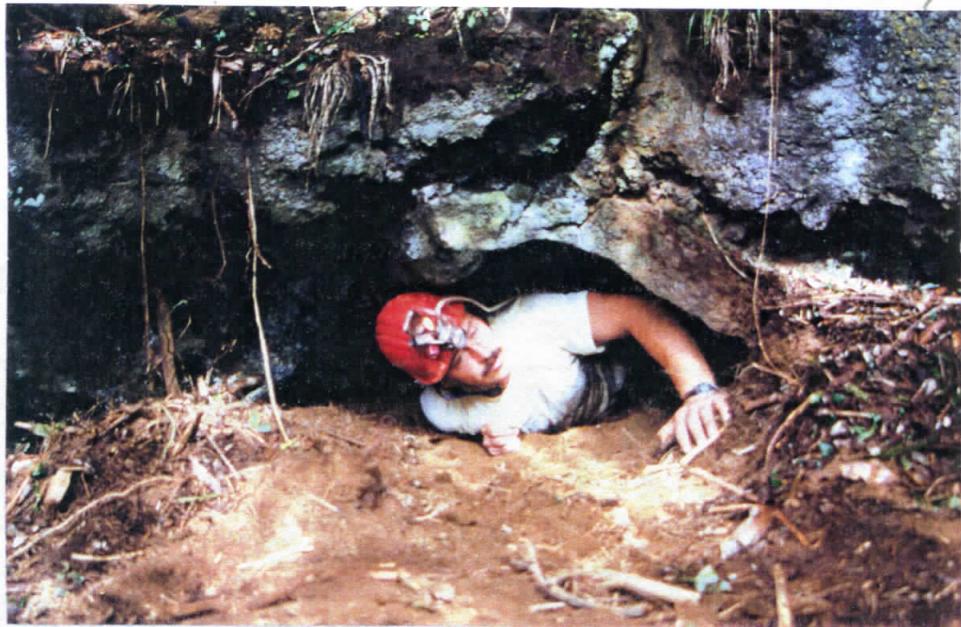
Diz o Padre Cordeiro que terrível nuvem, queimando como fogo, matou dez pessoas.

Este vulcanismo esteve em actividade por mais de 4 mezes.

Matou 4:000 cabeças de gado, subverteu os terrenos da Queimada de famosa fertilidade, e esterilizou uma fonte d'aguas medecinaes que exestia perto da Ribeira do Almeida, que já eram muito procuradas por pessoas de fóra da ilha.

No mesmo sitio em que hoje assenta a povoação do Almeida, houve habitações antes do vulcão de 1580, pois que em umas escavações feitas junto à casa do sr Antonio José d'Avellar, sob a camada de lava, foram encontrados alguns fragmentos de louça e utensilios domesticos. E assim tambem no extenso valle das Areias, ao norte d'uma das crateras d'esse vulcanismo, tem sido descobertas a maior ou menor profundidade muitos utensilios e até vestígios de edificações, pedaços de parede argamassada, etc.

(in "ILHA DE S. JORGE", J. Duarte Sousa, 1897, cap. IX, "Acontecimentos calamitosos", pag. 187, BPADAH)



A entrada para a Gruta



O rastejo inicial da Gruta



Um aspecto significativo deste tubo lávico



Diz o dr João Teixeira Soares, em narrativa publicada no "Jorgense" de 15 de Agosto de 1872, que, das quatro explosões que houve durante esse período... "A mais tratavel de todas e em que o solo, pela sua arborização mais tende a occultar sua origem recente, é a que correu pela Fajã de Santo Amaro; foi a que desceu de mais alto. A 2ª em tractabilidade e em altura de origem é a da Ribeira do Almeida; a 3ª a das Queimadas Bravas, muito pior por ter uma origem muito mais baixa; a pior de todas estas e talvez a de todas as do arquipélago. é a da Queimada. Nenhuma lava nos Açores brotou tão pouco acima do nível do mar."

As explosões e emissões de lavas vulcanicas no anno de 1580 tiveram logar na vertente sul da ilha, em localidades hoje pertencentes ás freguezias de Sant'Amaro e Urzelina, no concelho das Velas. Nas mesmas freguezias manifestou tambem sua actividade o vulcanismo de 1808. A acção d'este predominou na ultima destas freguezias; a d'aquelle na primeira dellas. Em ambos a manifestação explosiva teve logar em linha aproximadamente recta, de nascente a occidente. A do primeiro d'aquelles vulcões foi mais ao sul e adiantou-se mais para o occidente; a do ultimo avançou mais para o oriente. Vamos entrar na narrativa d'aquelles phenomenos e no fim estabeleceremos novas analogias.

Na noite de 28 d'Abril tremeu a terra 30 vezes e 50 no dia immediato. No 1.º de Maio os tremores recrudesceram e nesse mesmo dia se manifestou por diferentes boccas a explosão vulcanica no cimo d'uma encosta, ao norte da localidade, hoje chamada Mystérios. Outra explosão teve depois logar no alto da Ribeira do Nabo, 2 kilometros ao oriente. Por estas boccas teve logar a emissão de grande quantidade de pedras e d'arêas, cobrindo estas uma extensa área de terreno ao oriente por soprarem então ventos dos quartéis do occidente. Depois houve emissão de cinzas, que já passavam ao occidente, indo cair nas Vêlas, por as favorecerem os ventos. A chronologia falta-nos para indicarmos pela sua ordem a marcha destes successos e bem assim a da emissão das lavas. Estas correram em 4 localidades. No flanco oriental e poucos metros abaixo das bordas da cratera de explosão e accumulção, que desde o nascente é a primeira das que dissemos se abriram no alto da encosta sobranceira ao logar dos Mystérios; teve logar por uma pequena bocca, hoje afogada pelas arêas, que sobre ella têm descido a emissão da corrente liquida que descendo, encosta abaixo, sobre a Fajã de Sant'Amaro, correu até ao mar constituindo terrenos de biscoito, que facilmente se distinguem dos circumvisinhos. Um kilometro ao occidente desta lava, em logar collocado ao supé da encosta em cujo cimo ficam as mais occidentaes das crateras da explosão a que nos referimos, teve logar por tres boccas, uma ao norte e duas ao sul da estrada, a emissão de lavas que juntamente correram ao mar, avançando um pouco sobre elle, e que constituem o mysterio que se diz da Queimada. Ainda mais ao occidente dous kilometros, e proximo á ribeira do Almeida houve outra emissão de lavas, que descendo pelo lado do oriente, em que se for-

mou a cratera da sua emissão, chegou até á borda do mar, occupando porem uma pequena área do solo.

Ao oriente ainda da lava da Fajã de Sant'Amaro e em logar subjacente á cratera da explosão, que dissemos se formára no alto da Ribeira do Nabo houve, por diferentes boccas, outra emissão de lavas, por ventura mais abundante que as anteriores, e que igualmente correu até ao mar e ficou constituindo um mysterio, hoje chamado — Queimadas Bravas—.

Como dissemos falta-nos a chronologia relativa ao apparecimento. ordem e duração destas emissões liquidas. Só sabemos que a emissão das lavas junto á ribeira do Almeida fora no 4.º de junho.

A actividade deste vulcanismo durou por quatro mezes.

O numero de cabeças de gado, que pereceu nesta occazião, dizem que subira a quatro mil.

O de pessoas, conforme o testemunho de Mont'Alverne, referindo-se aos assentos da Parochia das Velas, foi apenas de 10, e diz Cordeiro que fora a causal uma terrível nuvem que queimava como fogo.

Deste phenomeno particular fez menção uma elegante e concisa narração latina deste successo por author contemporaneo. Eis como elle se expressa:

Insula D. Georgii, quæ una est ex insulis Oceani, quæ Tertias vocamus, ætate nostra horribili terræ motu quassata est, quo multa ædificia solo dejecta sunt, multi mortales, igne consumpti. Quippe patefacta, erumpente spiritu, habitibus terræ, tanta vi ardentia saxa ingentis magnitudinis in altum extulit, est libero cælo passim volitantia diffolventur. Minores verò lapides igniti velut tormento jaculati in sublime ferebantur, quantum oculorum acies sequi poterat. Interdum veluti noctis caligo diem obscurabat. Formidabiles mugitus, & immania tonitrua mari, terræque audiebantur. Montium fragmina igne correpta per rupium anfractus devoluta quacumque decidissent, perfringebant omnia. Terribis fumis nubibus flammarum globi intermistis continenter è cavernis terræ erumpentes ita rapidè ferebantur, ut quodam in loco decem homines domestica supellectile plastro imposta fugientes, una cum bobus, plastro que in cinerem momento temporis redegerint, eodem que impetu alios quinque longo intervallo diffitos absorbuerunt. Sæpe veluti dolia sulphureo referta pulvere hinc inde visa provolvi. Insuper et multis eructatum hiatibus, & in unum collectum incendium late fluxit, agros, vineta, hortos, & quid quid obvium devastavit. Denique postquam hæc calamitas aliquandiu grassata est, extincto incendio quievit. (-)

(Jorgense N.º 21, de 15 d'Agosto de 1872.)

(in "ARCHIVO DOS AÇORES," Vol. II)

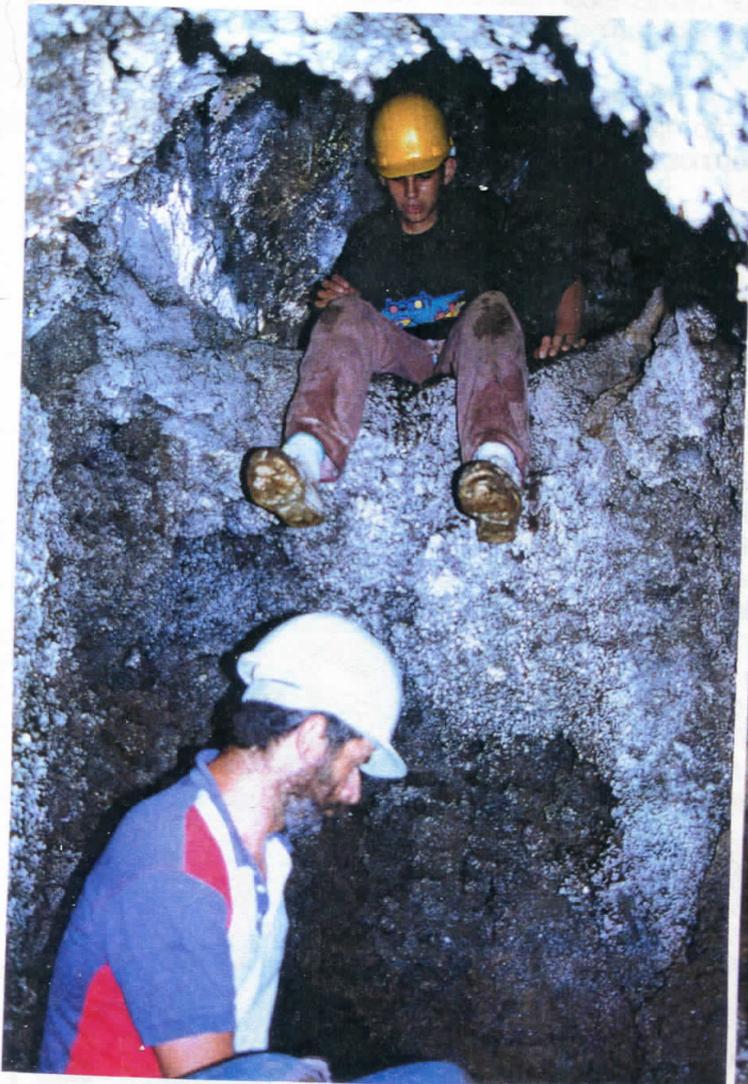
Pois bem... a GRUTA DA RIBEIRA DO ALMEIDA é um vestígio da erupção de 1580 e, embora pequena, é interessante. A entrada, a jusante como já se referiu, é feita através de um rastejo de meia dúzia de metros de extensão, de pouca dificuldade, ao qual vem desaguar alguma água (quando chove, naturalmente) que se infiltra pela parede da gruta um pouco mais acima. Após o rastejo, a progressão é fácil e faz-se em sentido ascensional, através de um bem torneado tubo vulcânico (fazendo lembrar a Gruta das Mercês, na ilha Terceira), em cujo tecto e paredes se notam pequenas estalactites cónicas (do tipo "tetas"), e com pavimento tipo "pahoehoe".

Sensivelmente a meio deste tubo lávico, deparamos com um algar com dois metros de profundidade, por cerca de um metro de largura na respectiva boca, o qual termina num rastejo com cerca de quatro metros de extensão. Para se continuar a percorrer a galeria, torna-se necessário trepar (com auxílio), já que se verifica um desnível de quase três metros, continuando a gruta com inclinação acentuada, descendo-se depois em direcção à parte mais ampla deste tubo de lava (quer em altura, quer em largura).

Neste local, a corrente lávica terá sido obstaculizada com mais eficácia, o que originou a sua ramificação e um estreito algar com 1,70m de altura e prolongando-se num rastejo de, pelo menos, 12 metros de comprimento. Como se disse, estão aqui a maior



Em cima e em baixo: alguns aspectos da Gruta da Ribeira do Almeida, explorada por "OS MONTANHEIROS", durante a expedição "POISOSPEL-94", em São Jorge



largura (três metros) e a maior altura (quatro metros) desta gruta que, logo depois, tem piso irregular e está interrompida a montante, muito possivelmente devido aos trabalhos de construção de troço da estrada Velas-Calheta.

Esta gruta, proveniente de um dos pequenos cones de escórias avermelhadas e anegadas instalado nas proximidades da Ribeira do Almeida, a leste da Vila, tem um comprimento total de cerca de 62 metros.

Não possuindo, embora, formações espectaculares, tem esta gruta algum interesse, já que representa, pelo menos até agora, o único vestígio conhecido, e explorado, da erupção de 1580. Dado o estado de semi-bloqueamento em que se encontrava a entrada para a gruta, e o facto de se situar junto ao leito de uma ribeira de apreciáveis dimensões, e ainda devido a densa vegetação existente no local, é de crer que tenha sido visitada pela primeira vez, agora durante a expedição "POISOSPEL-94", que decorreu entre os dias 5 e 11 de Outubro, em São Jorge, tendo sido topografada, fotografada e filmada por "OS MONTANHEIROS".

(...)

A erupção de 1580 foi anunciada por uma série quase ininterrupta de tremores de terra, cujos primeiros abalos foram sentidos na noite de 26 de Abril.

Durante os três dias que se seguiram, contaram-se, em média, oitenta abalos, em quatro horas.

A 1 de Maio, os abalos intensificaram-se e uma explosão foi ouvida. Abriam-se, simultaneamente, duas bocas na vertente sul da cadeia central da ilha, a 4 km da Vila das Velas, num sítio designado actualmente por mistério. Nos Açores chamam comumente mistérios os campos de lavas que ficaram rebeldes à invasão da vegetação; é o mesmo que os Italianos chamam sciarra e os Franceses cheires.

O solo rasgou-se sob a forma de fendas comparáveis a profundas valas. Algumas cabanas, vizinhas do local da erupção, foram esmagadas pelas projecções ou desapareceram nas fendas. Pedras enormes foram lançadas a distâncias consideráveis; ondas de cinzas empurradas pelo vento do sul atravessaram, transversalmente, a crista montanhosa da ilha, indo cair longe do mar e causando, por esta razão, apenas danos muito reduzidos às searas.

Na manhã do 1 de Maio, a lava em fusão apareceu na base e no flanco oriental da primeira cratera; o derrame espalhou-se sobre o território de Santo Amaro e constituiu um campo de rochas escoriáceas que se distingue, hoje, pela alteração profunda que os agentes atmosféricos fizeram sofrer aos blocos que o compõem.

A marcha deste primeiro derrame parou mesmo a meio daquele dia.

Seis horas mais tarde, a segunda cratera, situada a 1 quilómetro mais a Oeste, oferecia, por sua vez, três passagens, uma para norte, e outras duas a sul do dorso exterior. Os derrames que saíram delas reuniram-se na base da vertente, cobrindo as vinhas e os campos, chegando à costa; ali se precipitaram do alto das arribas e formaram um promontório em frente do antigo litoral (Mistério da Queimada).

Ao cabo de dois dias, cessaram de progredir sensivelmente e a saída de lavas interrompeu-se até fim do mês de Maio.

EM 1 DE JUNHO, UM NOVO ORIFÍCIO APARECEU A 2 KM MAIS A OESTE, PERTO DO LEITO DE UMA TORRENTE CHAMADA RIBEIRA DO ALMEIDA. UMA CORRENTE DE MATERIA DERRETIDA SAIU DALI E DESCEU RAPIDAMENTE AO LONGO DO BARRANCO, QUE SEGUIU ATÉ AO MAR, ESTENDENDO-SE POUCO PARA OS LADOS.

Enfim, algumas semanas depois, deu-se uma nova explosão, 2 km a leste do ponto designado por Ribeira do Nabo. Saiu, ali, uma grande quantidade de cinzas que o vento levou para o lado da Vila das Velas.

Vários orifícios se abriram ao mesmo tempo na base da cratera recente. Deu-se ali uma abundante emissão de lavas, cobrindo uma vasta extensão do terreno (Mistério das Queimadas Bravas).

Um dos fenómenos mais curiosos daquela grande erupção é a produção daquilo que as testemunhas contemporâneas chamam "nuvens ardentes". Segundo a descrição que eles deixaram, aquelas nuvens saíam do solo com a forma de globos de chamas misturadas com fumos cáusticos; moviam-se com tal velocidade para a base da encosta que era impossível subtrair-se pela fuga, ao seu contacto mortal.

Dizem que uma daquelas nuvens atingiu um grupo de dez pessoas que levavam as suas bagagens e mobílias; num instante, a carroça foi reduzida a cinzas com os bois do atrelado e as pessoas que os acompanhavam.

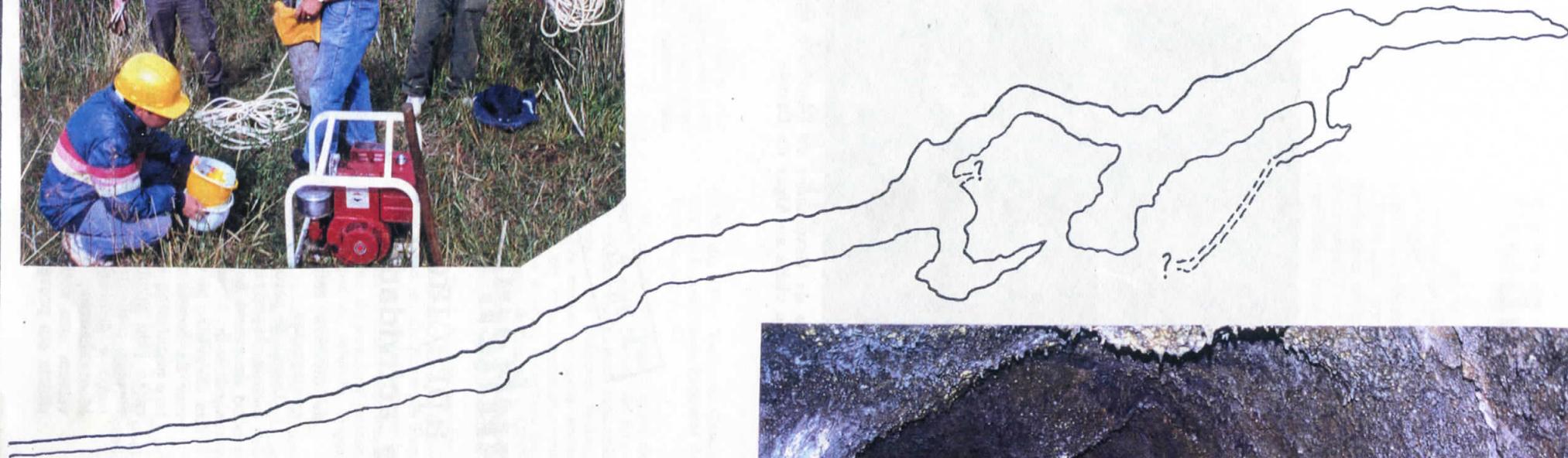
Cinco outros indivíduos foram consumidos da mesma maneira, a distâncias relativamente grandes umas das outras. O número de cabeças de gado que morreram foi avaliado em quatro mil. Ignora-se, hoje, qual foi a duração exacta daquela erupção. Sabe-se somente que os tremores de terra continuaram durante quatro meses, diminuindo pouco a pouco de intensidade. (...)

(In "Observações de F. Fouqué sobre o vulcanismo dos Açores", G. Zbyzewski, Cap. IX, "São Jorge e suas erupções", BNCH, 1966/7)



PERFIL A-A'
Esc. 1:200

-----rastejo



Gruta da Ribeira
do Almeida

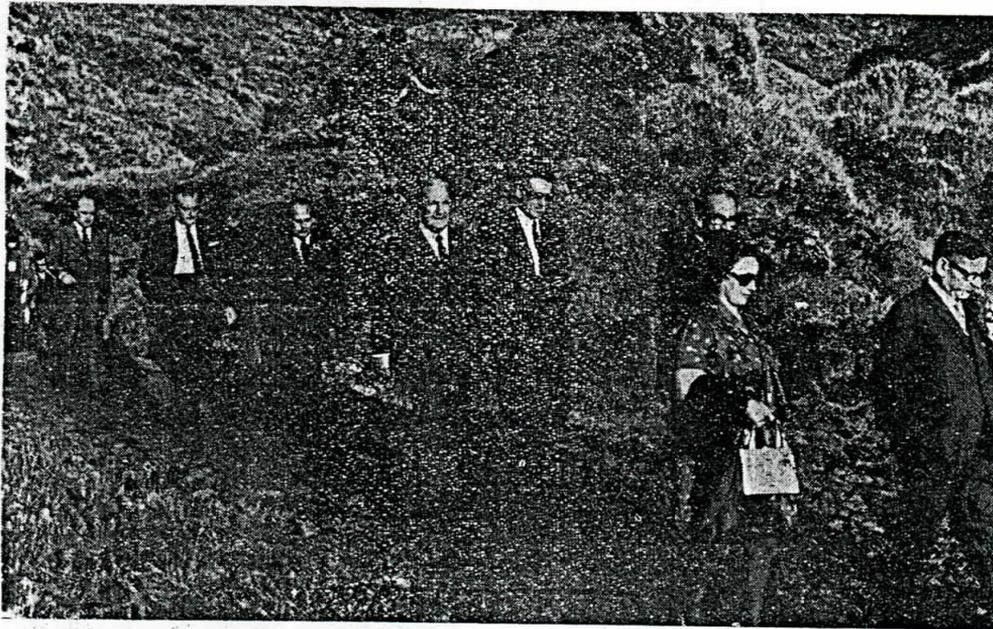
VELAS · S. JORGE · AÇORES

Topografia: José Maria
Luís Vasconcelos

08 Outubro 1994



RECORTES DO ALBUM



O dr. Moreira Baptista acompanhado do Governador do Distrito e outras entidades, quando da visita ao Algar do Carvão

"A UNIÃO" - 23/SETEMBRO/1970

Os Montanheiros justamente apreciados na sua meritória actividade

Na recente visita que o Secretário de Estado da Informação e Turismo efectuou à ilha Terceira, também se deslocou ao Algar do Carvão, uma das grandes atracções turísticas que o futuro situará na alta posição da celebridade. Assim, a entidade máxima do turismo português pôde constatar a poderosa realidade daquela garganta vulcânica, e admirar o conjunto majestoso da abóbada com

as diversas estalactites e estalagmites.

Depois de percorrer os 40 metros da estrada em túnel de acesso à entrada do algar, o dr. Moreira Baptista chegou ao primeiro patamar da escada ali existente e manifestou a sua admiração pelo invulgar do panorama; salientando o esforço e dedicação de «Os Montanheiros», que desenvolvem uma actividade meritória em proveito da Ter-

ra. Sem falar muito, realizam. Será este o seu maior mérito.

O Secretário de Estado da Informação e Turismo prometeu auxiliar esta importante obra em curso, a que o governador do Distrito, dr. Machado Pires, tem dado o melhor estímulo, ficando estabelecido que «Os Montanheiros» elaborassem o respectivo projecto das obras consideradas necessárias ao regular funcionamento daquele património regional, para que

possa obter a respectiva participação do Estado.

Sem dúvida, esta a grande esperança que surgiu no horizonte para onde se fixam os olhares de «Os Montanheiros», o Futuro.

Depois da visita, e como recordação, o Secretário de Estado da Informação e

Turismo, assim como todos os membros da comitiva, recebeu a oferta de diversas amostras de sílica colhidas no lugar, as quais foram muito apreciadas.

Estamos, portanto, diante de uma aspiração que se converterá em prestimosa realidade dentro de pouco

tempo, desde que o projecto das obras a realizar no Algar do Carvão esteja elaborado e entregue no Governo do Distrito, que o enviará ao Secretário da Informação e Turismo.

Mais uma vitória de «Os Montanheiros» em benefício da terra.

"DIÁRIO INSULAR" - 23/SETEMBRO/1970

As actividades DE «OS MONTANHEIROS» no mês de Agosto

É com imenso prazer e interesse que esta Sociedade vem transmitir a todo o público as actividades durante o passado mês de Agosto:

No dia 2 — O geógrafo francês GERARD MOTTE, visitou o Algar do Carvão, Gruta do Natal, Galeria dos Balcões e Galeria da Salga, das quais tirou elementos preciosos para os seus trabalhos, a que se dedicou durante a sua estadia nesta Ilha.

No dia 8 — Colheita do fóssil dum ave marinha.

No dia 9 — Abertura do Algar do Carvão, a pedido dum excursão que ali se deslocou.

No dia 13 — Visita ao Algar do Carvão e à Sede desta colectividade, onde se realizou uma projecção de diapositivos, ao grupo de escuteiros do IV JAMBOREE AÇOREANO, que durante alguns dias permaneceram nesta Ilha.

No dia 15 — Novamente visita ao A. C. em excursão organizada pela Empresa Construtora.

No dia 16 — Escalada e exploração dum algar no cimo do Pico Alto.

No dia 19 — Visita da Comissão de Planeamento Regional de Turismo, ao A. C.

No dia 22 — Visita à gruta do Natal, A. C. e Furnas do Enxofre de dois casais, entre eles uma professora de Ciências Biológicas, que colheu diversos exemplares da flora açoreana, noutras ilhas e nesta encontrou junto às Furnas do Enxofre, o LICOPÓDIO, que afirma ser inexistente na Metrópole presentemente.

No dia 23 — Alguns membros desta Sociedade, acompanhados pelo Exmo. sr. dr. Henrique Henriques Flores, deslocaram-se ao A. C., a fim de colher uma amostra de água da nascente existente na lagoa do referido Algar, para análise bacteriológica.

No dia 24 — Visita de um grupo de pessoas da Metrópole ao A. C., Furnas do Enxofre e Gruta do Natal, entre eles o Exmo. sr. José Leite de Carvalho, representante da FERRAZ LYNCE, Lda., na cidade do Porto.

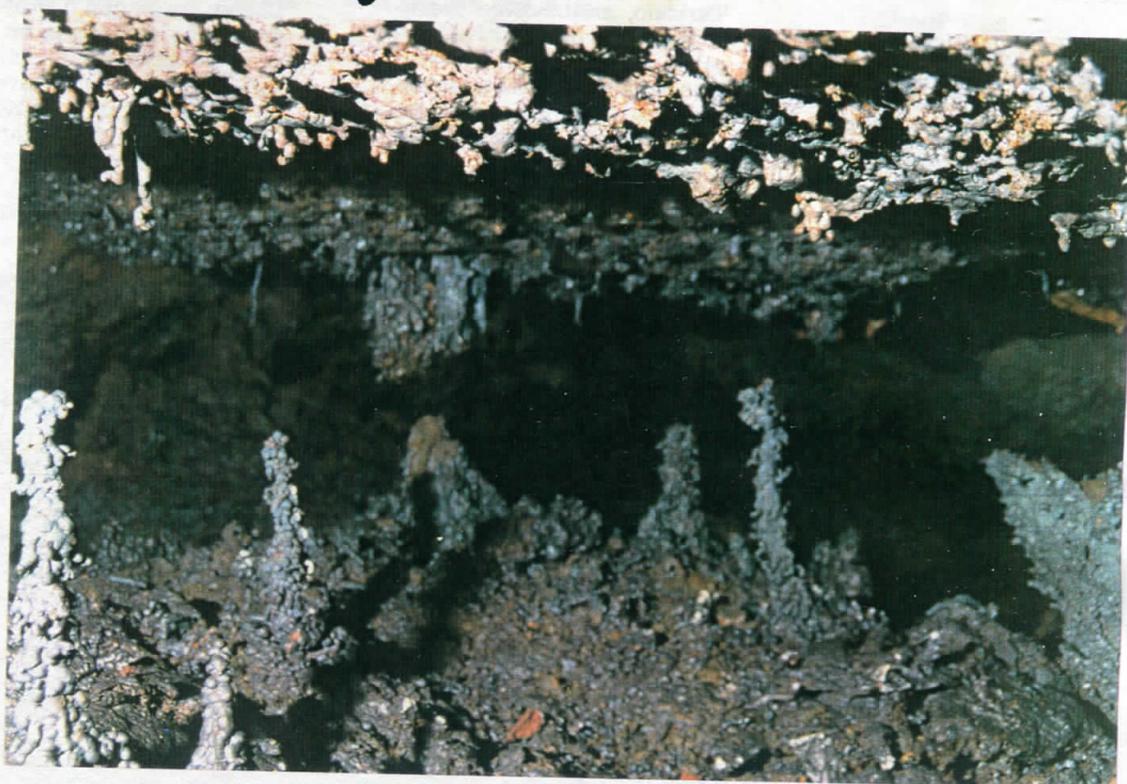
Dias 26, 27, 28, 29 e 31 — Visitas nocturnas ao A. C. a pedido de diversas pessoas (conti-

mentais, luso-americanos, luso-canadianos e dois reverendos da ilha da Madeira).

Em conversa com as diversas pessoas que nós acompanhamos às FURNAS DO ENXOFRE, tivemos ocasião de observar a forma como as mesmas apreciaram aquela manifestação vulcânica, ao mesmo tempo que lamentavam o péssimo acesso e sem qualquer sinalização desde a estrada até às fumarolas, como se refere o guia turístico da Ilha Terceira. Atendendo a estes comentários, que tantas vezes ouvimos, porque não se abre uma estrada em condições para que todos possam visitar as já muito conhecidas FURNAS DO ENXOFRE? Assim como podem os Montanheiros, de quando em quando, acompanhar as pessoas que os procuram para a referida visita?

E quanto às nossas lagoas do Negro e do Ginjal? Não haverá possibilidade de rectificar o pavimento para melhor acesso das viaturas que ali se deslocam?

Os Montanheiros vêm assim mostrar o seu interesse pelas belezas naturais da Ilha Terceira, dando se necessário for a sua colaboração com o espírito de carolice sempre demonstrada nas suas iniciativas, já realizadas.



A ilha do Pico é um tesouro, quando encarada sob o ponto de vista vulcanoespeleológico. A grande Montanha, que lhe deu o nome, foi palco, ao longo de séculos, de várias erupções secundárias, de que resultaram os inúmeros cabeços que a ornamentam em seu redor.

De um desses cabeços, saiu uma corrente de lava que formou uma das mais belas grutas da ilha, precisamente a Furna de Frei Matias, que se estende encosta abaixo, em diagonal, a cerca de 10 km da vila da Madalena. É um tubo vulcânico, composto actualmente de vários troços, possuindo salas com lindas estalactites e estalagmites de fino recorte.

"Foi ali - diz Osório Goulart em artigo publicado em O Telégrafo - certamente que, há séculos, o ermitão Frei Matias (figura lendária que do Faial veio para o Pico arrastado por uma visão de Nossa Senhora) gozou as deliciosas fragrâncias dum Paraíso Ideal, que a noite dos tempos transformou numa gruta profunda, com segredos misteriosos e sombras alíciantes, a cativar quantos nela penetram".

Infelizmente, imagens dessa gruta, como a representada pela foto acima, não vão mais poder ser vistas por quem se interessa pelo nosso património. A insensibilidade do proprietário dos terrenos por onde a gruta se desenvolve fez tapar as respectivas aberturas, sob pretexto, ao que parece, de perda de gado.

Mas - e aqui deixamos um recado ou uma sugestão para os donos de terrenos onde existam grutas e algares - o gado não cai se, com boa vontade e amor ao que deve ser de todos nós, lindo de ver, observar e estudar, se fizerem umas simples cercas com estacas e arame farpado. Se não quiserem dar-se ao trabalho de as fazer, ao menos informem os Serviços de tutela, os quais, certamente, ajudarão. E todos ganharemos com isso!

PINGO DE LAVA

ÓRGÃO INFORMATIVO DE "OS MONTANHEIROS"
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - Rua da Rocha, 6/8
 9700 ANGRA DO HEROÍSMO - TERCEIRA/AÇORES
 TELEFONE 22992

— DISTRIBUIÇÃO GRATUITA —

